**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL**

**ROSELI LUZ CORREIA
(VERSÃO CORRIGIDA)**

**CRÔNICAS NA SALA DE AULA:
PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)CONHECIMENTO DE MUNDO**

**SÃO PAULO
2015**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL**

**ROSELI LUZ CORREIA
(VERSÃO CORRIGIDA)**

**CRÔNICAS NA SALA DE AULA:
PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)CONHECIMENTO DE MUNDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras. Orientação: Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

**SÃO PAULO
2015**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Correia, Roseli

C823c Crônicas na sala de aula: práticas de leitura e (re)conhecimento de mundo / Roseli Correia ; orientador José Nicolau Gregorin Filho. - São Paulo, 2015. 116 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Leitura. 2. Ensino. 3. Gênero crônica. I. Gregorin Filho, José Nicolau, orient. II. Título

ROSELI LUZ CORREIA

**CRÔNICAS NA SALA DE AULA:
PRÁTICAS DE LEITURA E (RE)CONHECIMENTO DE MUNDO**

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

A minha mãe Edite (*in memoriam*) por sempre acreditar em mim e por ser exemplo de força e persistência, e a minha irmã Ziza pelo apoio, pela dedicação e pelo cuidado comigo no período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho, meu orientador, pelo acolhimento, carinho, credibilidade e presença em todas as etapas deste curso. A minha eterna gratidão e amizade.

A todos os professores doutores da Universidade de São Paulo pela participação ativa e direta neste passo gigantesco a caminho do meu engrandecimento profissional, o meu muito obrigada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a pesquisa deste Mestrado Profissional.

Aos colegas do PROFLETRAS que prestaram apoio fundamental para a realização deste trabalho, o meu agradecimento. Em especial à amiga Vania pelo suporte na realização do mesmo.

Agradeço, também, à querida amiga Isabel pela companhia, pelo carinho, pela amizade e pelo apoio nos momentos de dúvidas, de dificuldades e de alegrias também.

O meu agradecimento à equipe gestora, ao corpo docente, aos funcionários e aos alunos da EE Joaquim Pedroso de Alvarenga pela compreensão e colaboração nestes dois anos do mestrado.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. À minha família e aos meus amigos, meus agradecimentos.

“Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”.

TZVETAN TODOROV

RESUMO

CORREIA, Roseli Luz. **Crônicas na sala de aula: Práticas de leitura e (re)conhecimento de mundo.** 116 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, 2015

Esta dissertação tem como objetivo evidenciar as práticas de leitura na sala de aula, no dia a dia da escola, procurando maneiras diferentes de aproximar os alunos da leitura literária. A escolha de se trabalhar com o gênero crônica surgiu da hipótese de que ele facilita o processo do ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa. Por meio dele, os alunos podem assumir-se como produtores do conhecimento e passam a ser sujeitos desse processo. Na sequência, o trabalho traz ainda dois outros gêneros textuais: a entrevista e o vídeo documentário que puderam ser desenvolvidos com base na leitura de crônicas na sala de aula. O tratamento metodológico construiu-se à medida que as situações reais de sala de aula e os questionamentos dos alunos foram surgindo e questões foram se impondo. A partir desse fato a fundamentação teórica se justifica pela necessidade real da investigação dos textos. Este trabalho se propõe ainda a desenvolver atividades que promovam a produção de sentido com base nas práticas de leituras, com os alunos de uma turma de 7º ano, de uma escola da rede pública do Estado de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Crônica; Entrevista; vídeo documentário; gêneros textuais.

ABSTRACT

CORREIA, Roseli Luz. Short stories in the classroom. Reading practices, knowledge and acknowledgment of the world. 116 f. Dissertation (Master) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, 2015

The purpose of this dissertation is to demonstrate the reading practices in the classroom, day to day, seeking different ways of how to draw the students near to the literary readings. The choice of working with the short story genre came from the assumption that it facilitates the process of teaching and learning in the Portuguese language. Through this process, the students can take on the role of producers of knowledge and become subjects of this process. Subsequently, this work brings two other textual genres: the interview and the documentary video which could be developed based on the reading of short stories in the classroom. The methodological approach was formed as the real classroom situation and the students questioning were both emerging, and questions were established. For this reason, the theoretical foundation is justified by the actual need to investigate the texts. This work also aims to develop activities that promote the creation of meaning based on reading practices, with year 7 students from a public school in the state of São Paulo.

KEYWORDS

Reading, Short story, Interview, Documentary video, Textual genres

LISTA DE IMAGENS

- IMAGEM 1: Quadro com os gêneros previstos para a prática de compreensão de texto
- IMAGEM 2: Quadro com os gêneros previstos para a prática de produção de texto
- IMAGEM 3: Quadro com as diferenças entre Tipos e Gêneros textuais
- IMAGEM 4: Quadro com a referência à entrevista como gênero solicitado pelo currículo
- IMAGEM 5: Exemplo de ficha preenchida por aluno
- IMAGEM 6: Slide - Sondagem a partir de título e imagem
- IMAGEM 7: Tópicos desenvolvidos na sequência didática
- IMAGEM 8: Quadro referente ao livro, jornal e revistas analisados pelos alunos
- IMAGEM 9: Texto *Primeiros infortúnios* retirado do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano
- IMAGEM 10: Texto *Avestruz* retirado do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano
- IMAGEM 11: Texto *A cigarra e a formiga* retirado do Caderno do Professor Vol 1, 6º ano
- IMAGEM 12: Quadro retirado do Caderno do Professor. Vol 1, 6º ano
- IMAGEM 13: Fotografia dos alunos em pesquisa na Sala do Acesso Escola
- IMAGEM 14: Exemplos de crônicas produzidas pelos alunos.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	11
II.	NO INÍCIO... A SALA DE AULA	14
2.1	Apresentação da escola	14
2.2	O grupo de alunos: breve diagnóstico	17
2.3	O Tratamento metodológico: um histórico	18
III.	GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	22
3.1	Algumas reflexões sobre a Leitura	28
3.2	O trabalho com gêneros textuais no ensino de língua portuguesa	31
3.3	A esfera comunicativa Jornalística	32
3.4	O vídeo Documentário	34
3.5	A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação	35
IV.	A ENTREVISTA	37
4.1	A entrevista na sala de aula	38
V.	O GÊNERO CRÔNICA	41
5.1	A crônica na sala de aula	42
VI.	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	66
	NO FINAL... A SALA DE AULA	66
VII.	BIBLIOGRAFIA	69
	ANEXOS	73
8.1	A Ficha de análise do perfil leitor do aluno	73
8.2	Slides – Introdução aos estudos sobre crônica	75
8.3	Crônicas selecionadas e lidas em sala de aula	78
8.4	Fotos dos alunos na realização da pesquisa	89
8.5	Sequência didática	91
8.6	Fotos dos alunos na Sala de leitura	115
8.7	Vídeo documentário produzido pelos alunos Erro! Indicador não definido.	
8.8	Exemplos de crônicas produzidas pelos alunos(sem correção)	102
8.9	Textos retirados do Caderno do Professor Vol.1 6º ano	103
8.10	Quadro retirado do caderno do Professor Vol.1 6º ano	104
8.11	Fotos do Projeto JPArt <i>Vidas Secas</i>	107
8.12	Fotos do Projeto JPArt Ali Babá e os quarenta ladrões	113
8.13	Fotos do Projeto JPArt O auto da barca do inferno	115

I. INTRODUÇÃO

Iniciei meu trabalho como professora no ano de 1992, na Rede Pública de Ensino, em Indaiatuba, cidade distante 100 km da capital paulista. Nessa época, as salas de aula ainda eram homogêneas, o que facilitava o trabalho do professor, já que, ao entrar em uma sala em que todos os alunos eram participativos e empenhados em aprender, as aulas transcorriam sem grandes dificuldades. O mesmo se dava com salas em que os alunos mostravam certo grau de deficiência na aprendizagem dos conteúdos. Para tanto, o professor sabia que precisava trabalhar com os conteúdos mínimos de forma a atender à demanda. Os alunos que não adquiriam os conhecimentos necessários para a série seguinte eram reprovados, mesmo que isso ocorresse em apenas uma disciplina. Era necessário cursar a série novamente durante todo o ano seguinte.

Isso perdurou até o ano de 1996, quando foi instituído o sistema de progressão continuada. O Conselho Estadual da Educação, por meio da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determina no sistema de ensino do Estado de São Paulo o regime de progressão continuada, o qual prevê dentre alguns parágrafos, o de que “deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, no final de cada período letivo.

A escola começava a tomar uma nova forma e a evasão escolar, bem como a reprovação nas séries, passavam a ser reduzidas, mas não extintas. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2013) era competência da escola garantir aos alunos o desenvolvimento da capacidade de aprender, dominando a leitura, a escrita e o cálculo. Parecia um trabalho óbvio e simples, no entanto, contávamos com o surgimento de alguns distúrbios como déficit de atenção, disgrafia, dislexia, entre outros, somados a classes heterogêneas. Diante disso, ficava cada vez mais difícil ensinar, uma vez que poucos docentes se empenhavam a fim de oferecer novas práticas que auxiliassem o processo de aprendizagem.

Em 1995 comecei a lecionar também na rede particular de ensino. Meu tempo era quase todo ocupado com aulas e preparação das mesmas, não restando muito

tempo para os estudos. Mesmo assim, fazia alguns cursos de formação e de atualização que o Governo do Estado oferecia, bem como outros ofertados pelas escolas privadas. Dominar os conteúdos apenas já não era suficiente para tornar a aula interessante e vencer os problemas de indisciplina que existiam em uma ou outra sala.

Sempre me preocupei em oferecer uma aula a que o aluno quisesse, de fato, assistir. Buscava por mim mesma criar situações de aprendizagem para que o corpo discente se sentisse motivado em aprender. Como a Rede particular trabalhava com frentes, o ensino da língua era dividido e a mim cabia lecionar a Gramática. Para tanto, eu criava jogos que reforçassem a prática do que lhes havia sido ensinado. Esse procedimento foi estendido para as classes da rede pública.

Cada ano que passava, aumentava o meu número de aulas e diminuía a chance de me especializar em algum curso de pós-graduação. Somente no ano de 2009 consegui me matricular na Universidade Metodista de Piracicaba, em um curso de Especialização *Lato Sensu* chamado Língua Portuguesa com ênfase na Formação do Leitor nos diferentes lugares de leitura. Iniciava-se assim a trajetória que me levaria ao mestrado.

Concluído esse curso, surgiu, em 2012, uma nova oportunidade concedida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) em parceria com renomadas Universidades, a saber: USP, UNESP e UNICAMP. Eram cursos destinados a professores e à gestão escolar na modalidade à distância com alguns encontros presenciais, cujo objetivo seria obter resultados positivos na formação do professor e no resultado de aprendizagem dos alunos da rede pública do estado. A duração seria de um ano, com 360 horas, como exigem os cursos de especialização em nível de pós-graduação, e a disciplina de Língua Portuguesa seria ministrada pela Unicamp, Universidade Estadual de Campinas.

Nesse mesmo ano, tornei-me professora do Ensino Superior na Faculdade Max-Planck de Indaiatuba, em diversos cursos, mas sempre como professora de Língua Portuguesa. A vontade de fazer um mestrado crescia, mas não conseguia vislumbrar nenhuma possibilidade de realizar tal curso. No início do ano letivo, um dos meus coordenadores da faculdade, comentou sobre um mestrado profissional e fui conhecer o edital do então PROFLETRAS. Na época, o mais viável seria realizar

a prova e, caso houvesse aprovação, estudar na UNESP de Araraquara, devido ao número maior de vagas.

Ao realizar a inscrição, notei que a cidade com o campus da UNESP seria Assis, bem mais distante da cidade onde moro. A solução seria optar pela Universidade de São Paulo, com apenas 20 vagas e extremamente concorrida. A princípio pensei em fazer a prova apenas para efeito de conhecer o que seria exigido pela comissão, no entanto, fui uma das aprovadas para o curso. Agora poderia realizar meu desejo de aperfeiçoar meus estudos e buscar novos recursos para a melhoria do Ensino Fundamental da Rede Pública do Estado de São Paulo.

Como trabalho final do mestrado, optei por trabalhar com o gênero crônica, visto que o mesmo possibilita os estudos de outros gêneros. A entrevista e o vídeo documentário comporão o meu projeto de forma a ampliar os conhecimentos dos alunos a partir da leitura das crônicas. Trabalhar com a linguagem na disciplina de língua portuguesa é sinônimo de lidar com gêneros textuais, levando em consideração a prática da oralidade e da escrita, de tal maneira que o aluno possa entender e dominar a sua língua. Compreende-se que o seu funcionamento se dá a partir da sua contextualização.

II. NO INÍCIO... A SALA DE AULA

Este trabalho de pós-graduação, como já se mencionou antes, teve seu início na sala de aula, no dia a dia da escola, procurando maneiras diferentes de aproximar os alunos da leitura literária. Por isso, neste primeiro capítulo, decidiu-se apresentar a escola e o tratamento metodológico utilizado nesta pesquisa, tratamento esse que foi sendo construído à medida que as atividades de leitura se desenvolviam e os alunos apresentavam novas questões, novas dificuldades que os afastavam dessas práticas e, em consequência disso, do universo da literatura.

2.1 Apresentação da escola

A Escola Estadual Joaquim Pedroso de Alvarenga é uma escola centenária que se situa na Rodovia José Boldrini, no Bairro Itaici, na cidade de Indaiatuba, distante 100 km da capital. Essa escola inicialmente funcionou com pré-escola e ensino Fundamental I e II.

Ao longo dos anos, a escola passou por reformas, a pré-escola e o ensino fundamental I se municipalizaram e, na década de 90, com a chegada do Ensino Médio, contou com 8 salas de aulas em cada um dos três períodos: diurno, vespertino e noturno. Em 2011, foi excluído o período noturno e, desde então, o Ensino Médio se concentra no período da manhã e o Ensino Fundamental II, no período da tarde.

Em 2014, a escola estava composta por 9 salas de Ensino Médio e 8 salas de Ensino Fundamental II. Dispomos de sala de leitura, com acervo anualmente atualizado, sala de multimídia e sala de acesso escola com 25 computadores conectados à rede.

A maioria dos professores é da categoria efetiva, o que não gera muita rotatividade dos mesmos ano a ano e grande parte deles é comprometida com a Educação. Quanto aos alunos, mostram-se interessados e participativos, desde que percebam a qualidade da aula e a importância que isso acarreta em sua vida, que os

professores tenham domínio daquilo que ensinam e, principalmente, a forma como tratam-nos.

Do ponto de vista sociocultural da escola, parte de nossos alunos não possui contato com recursos como revistas, jornais, livros, etc., porém recursos tecnológicos já estão presentes na vida da maioria de nossos educandos.

Nas atividades econômicas há o cultivo da uva, de verduras e pecuária em pequena escala. O comércio teve grande progresso a partir da instalação de vários condomínios no bairro, e localizam-se, principalmente, às margens da Av. Coronel Antônio Estanislau do Amaral.

No que diz respeito ao lazer, são poucas as opções. As atividades culturais são desenvolvidas pelas festas das Igrejas Santa Terezinha e São José. Além das festas, a Comunidade da Igreja São José oferece: dança de salão e capoeira. Outras atividades se desenvolvem na escola como: jogos, gincanas, campeonatos, festas, excursões e o Projeto da Escola da Família nos finais de semana.

Os alunos, em sua maioria, distantes do centro da cidade, inclusive da escola, deslocam-se até ela por meio de transporte público oferecido pela Prefeitura Municipal, que oferta também a merenda para o Ensino Fundamental e Médio.

Parte de nossos alunos são filhos de caseiros, meeiros ou trabalhadores rurais, porém esta realidade vem se modificando com o recebimento de educandos que residem nos novos condomínios e têm pais que atuam em outras funções, tanto no setor industrial, como comercial. Boa parte dos pais possui Ensino Médio incompleto e não participa ativamente da vida escolar dos filhos.

Muito se tem feito por parte desta Gestão Escolar e dos docentes para estimular a continuidade dos estudos dos alunos que cursam o Ensino Médio, oferecendo aos educandos palestras de Orientação Vocacional e estímulo à participação e orientação sobre outros órgãos institucionais: Mundo Enem (Curso preparatório), SISU (Sistema de Seleção Unificada), FIEC (Curso técnico), FATEC (Faculdade de Tecnologia), entre outros, incluindo a visita a essas unidades, quando possível.

A escola desenvolve também projetos interdisciplinares ao longo do ano letivo e, proporciona ao aluno ser o protagonista no processo de ensinar e de aprender. Dentre esses projetos, os que envolvem leitura são destaques quando da apresentação dos eventos. Alunos do ensino Fundamental e Médio a partir de

leituras literárias, juntamente com os professores da área de Códigos e Linguagens, criam peças para serem dramatizadas e apresentadas para a escola e para a comunidade. Nos dois últimos anos *Vidas Secas*, *O Centenário de Vinícius de Moraes*, *O auto da Barca do Inferno*, *Ali babá e os quarenta ladrões*, bem como textos declamados na Semana de Arte Moderna de 1922 compuseram o projeto intitulado JPart (Arte apresentada na EE Joaquim Pedroso de Alvarenga). Nos anexos, a partir da página 110, estão dispostas imagens da realização de alguns desses projetos.

As atividades desenvolvidas a partir da obra *O auto da barca do inferno* estão atreladas ao currículo do Estado de São Paulo, em especial desenvolver a linguagem teatral por meio de uma produção moderna, com base na leitura da obra de Gil Vicente.

Vidas Secas, livro lido no oitavo ano do ensino Fundamental e relido na 3ª série do Ensino médio culminou numa apresentação artística que envolveu música, dança e dramatização.

As disciplinas de Língua Portuguesa e de Arte desenvolveram o conteúdo artístico e literário da Semana de Arte Moderna, com uma breve reprodução da semana, composta de declamações de texto e exposição de telas pintadas pelos alunos.

Os alunos do Ensino Fundamental trabalharam em 2013 com um projeto sobre o Centenário de Vinícius de Moraes, cujos objetivos específicos foram estimular o gosto pela leitura; desenvolver a competência leitora; desenvolver a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade e o senso crítico; estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo); reconhecer a diferença entre sentido literal e figurado e aprofundar-se na particularidade da palavra poética. A avaliação se deu por declamações de poemas e a apresentação da música Aquarela em parceria com Toquinho.

Já em 2014, os alunos do 9º ano leram nas aulas de leitura o conto *Ali Babá e os quarenta ladrões* do livro *As mil e uma noites* (Tradução: Ferreira Gullar Edição: 5ª., 2012 Número de Páginas: 160). Realizada a leitura, a professora de Arte e a de Língua Portuguesa readaptaram o texto e criaram um cenário para que pudesse ocorrer a dramatização.

A Escola já citada está sempre engajada na elaboração e realização de projetos que mobilizem todo o alunado, sobretudo no que tange à leitura, visto que essa prática deve ser uma constante em todas as disciplinas do currículo. Esses projetos foram citados com o intuito de destacar a importância que a escola, a equipe gestora e os professores destinam às práticas de leitura, e de reafirmar que os alunos, ao longo dos anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, possuem um repertório de leitura, inclusive a leitura de clássicos.

2.2 O grupo de alunos: breve diagnóstico

O sétimo ano turma A é composto por vinte e sete (27) alunos, sendo 21 meninas e 6 meninos, com idade que varia dos 11 aos 14 anos. Nota-se aí que alguns deles não apresentam a idade compatível com o ano que estudam.

Todos os alunos sempre estudaram em escola pública e praticamente o grupo todo estudou até o quinto ano na EMEP “Doardo Borsari”, localizada em um bairro próximo ao da escola atual.

Com exceção de cinco alunos que moram no mesmo bairro em que se localiza a escola, os demais, moradores do bairro Videiras e de condomínios do Bairro Itaici, dependem do transporte público escolar para se locomoverem até a escola.

Seis (6) alunos dessa equipe já foram reprovados uma vez e apenas um deles possui deficiência intelectual, comprovada por laudos psico-neurológicos, entretanto com atendimento na sala de recurso oferecido pela escola, sem falar nos trabalhos diferenciados ofertados pelos professores da sala, o aluno consegue acompanhar satisfatoriamente as aulas.

Quando o assunto é leitura, a classe demonstra satisfação, uma vez que, desde os anos anteriores, traziam essa experiência e, não deixá-la perecer é uma tarefa que vem sendo cumprida pelos professores da sala. A cada quinze dias, duas aulas são destinadas à leitura efetuada na sala de leitura, sem contar a leitura dos textos que compõem o livro didático utilizado em sala de aula, o que permite concluir que boa parte das aulas de Língua Portuguesa é voltada à tal prática.

Quanto ao estudo da língua e à produção textual feitos sempre a partir dos textos lidos, grande parte dos alunos ainda apresenta certas dificuldades ao realizar suas tarefas. Como não houve um trabalho progressivo durante os anos letivos, é possível notar que muitos deles não desenvolveram técnicas de produção textual associadas aos estudos de linguagem e ambos com base em textos. Que fique bem claro aqui, que nem a escola, tampouco o professor de Língua Portuguesa adotam textos apenas como pretexto para se trabalhar com tópicos gramaticais.

O mais importante eles já possuem: o gosto descompromissado pela leitura. Deve-se aproveitar dessa prerrogativa para fazê-los compreender que através da leitura poderão conhecer a língua e fazer uso da mesma com muita propriedade.

Quanto à oralidade, esta é bem aguçada na faixa etária em questão, em especial nessa sala composta em sua maioria por meninas, ávidas de compartilharem situações, sejam elas a partir da leitura de livros, sejam elas por leituras de mundo.

Dentre as potencialidades do 7º ano A, é possível ressaltar ainda que a maioria dos alunos é educada e respeitosa, possui um bom relacionamento com professores, funcionários e colegas, não apresentando agressividade que comprometa o ambiente escolar, e está disposta a engajar-se nos projetos oferecidos pelos professores.

Em suma, a classe é bastante unida e participativa, os estudantes gostam de atividades em que sejam protagonistas e estão sempre dispostos a colaborar com o bom andamento das aulas.

2.3 O Tratamento metodológico: um histórico

Há que se considerar o aluno em sua totalidade, expressa nas suas dimensões física, psíquica e espiritual. Desta forma, a metodologia está a serviço da aprendizagem integral, entendendo o aprender como construção individual e coletiva do sujeito.

A proposta pedagógica da escola é sempre seguida pelo grupo de professores contempla o ser humano como pessoa na sua totalidade, com amplas potencialidades em desenvolvimento e a desenvolver, dotado de curiosidade,

desejos, incertezas e em permanente aprendizado. Procura, de forma criativa, estimular e aguçar sua curiosidade natural para a investigação, favorecendo novas descobertas.

Visando a formar um sujeito participante, solidário, capaz de perceber a realidade circundante e agir sobre a mesma, comprometido com seu desenvolvimento, procura-se trabalhar com estratégias diversas: trabalhos interdisciplinares (multimodal), trabalhos em grupos, atividades de pesquisa, seminários, pesquisa de campo, visitas culturais e projetos diversos.

A concretização da metodologia envolve situações de aprendizagem e partilhas, em que professor e aluno vivenciem a liberdade com responsabilidade, assumindo seus atos, acreditando que a escola seja um espaço de aprendizado para todos os envolvidos.

Vivemos um momento na Educação que repensar nossas práticas escolares se faz necessário. Pensando nisso, o projeto sobre crônicas vem oferecer ao aluno atividades em que ele atribua um sentido para a aprendizagem, reconhecendo a importância da linguagem em diferentes concepções, uma vez que a escola é um local de comunicação.

Deixá-lo em contato com o estudo de gêneros diferentes, promove o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para uma boa leitura e uma boa escrita. Para isso nos apropriamos dos recursos tecnológicos, a fim de que esse estudo transcorra de maneira eficiente, mas também prazerosa. Para tanto, foi escolhido o gênero Crônica, cujas informações levarão ao conhecimento de outras linguagens e à produção de outros gêneros, como a entrevista e o vídeo documentário. A intenção é que ao final do ano letivo, os alunos sejam capazes de produzir documentários de 20 minutos com temas retirados das crônicas lidas em sala de aula.

A leitura de crônicas em sala de aula e as criações de vídeos documentários e de possíveis documentários, ao longo do ano letivo, são mais uma ferramenta facilitadora no sentido de aumentar o interesse dos alunos pelos conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa, além de ser uma atividade inovadora no processo de ensino-aprendizagem.

Com a realização desse projeto, espera-se que os alunos possam refletir um pouco mais sobre a língua e o seu real funcionamento, transformando seu

pensamento em linguagem. Espera-se, também, que sejam capazes de entender a importância da leitura e da compreensão dessa leitura, a fim de que ela os possibilite conhecer e trabalhar com outros gêneros, levando-os à compreensão de que a linguagem deve ser vista como realização cotidiana através dos diferentes gêneros estudados; que reconheçam a Língua Portuguesa como manifestação do pensamento e da cultura de cada indivíduo dentro de uma comunidade; que saibam posicionar-se de forma crítica, utilizando argumentos convincentes na defesa de seus pontos de vista e que, finalmente, conheçam e saibam utilizar as diferentes mídias na execução das atividades desenvolvidas.

A Diretoria de Ensino de Capivari da qual a EE Joaquim Pedroso de Alvarenga faz parte, juntamente com A Secretaria Estadual de Educação promovem frequentemente oficinas que visam à ampliação dos conhecimentos do corpo docente. Tais oficinas favorecem entre outras oportunidades, a troca de experiências entre os professores da rede e renovam as metodologias aplicadas em sala de aula.

Essas oficinas sempre envolvem a leitura como eixo central e aspiram à melhoria dos métodos utilizados em sala de aula. Em 2013, um treinamento oferecido aos professores tratou especificamente do estudo de crônicas. E sugeria, como tarefa aos professores presentes, que criassem uma sequência didática.

A sequência didática pensada para o ensino da Língua Portuguesa possibilita ao aluno o contato com o estudo de diferentes gêneros e promove o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para uma boa leitura e uma boa escrita. Naquela época, produzi uma sequência didática a qual apliquei com os alunos do 7º ano A neste ano de 2015.

A estrutura da sequência didática era a seguinte: ativação do conhecimento de mundo; antecipação dos conteúdos; checagem de hipóteses; localização das informações; produção de Inferências locais e globais; recuperação do Contexto de Produção; intertextualidade e interdiscursividade; elaboração de apreciações estéticas / valores éticos e proposta de produção textual.

Esse trabalho veio colaborar com o projeto de crônicas, uma vez que os alunos já estavam completamente envolvidos com o seu desenvolvimento, e a leitura de novos textos proporcionou ideias novas para a produção do vídeo documentário.

Usar dessa metodologia auxilia na aprendizagem do aluno, e ele acaba percebendo que o professor é um mediador do conhecimento, todavia percebe também que, enquanto aluno, pode contribuir de forma bastante satisfatória para o seu próprio aprendizado.

O aluno não vê a leitura apenas como um fim para que seja avaliado, mas como um meio para que possa compreender o mundo em que vive, seus medos, suas angústias e, por que não, seus sonhos e seus prazeres.

III. GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Compreender os gêneros implica compreender a dinamicidade da linguagem e dos próprios gêneros textuais. Bakhtin (2003), uma das referências para o estudo da linguagem na atualidade, salienta que os gêneros discursivos, em sua diversidade, não apresentam limites. É possível compreender que as atividades humanas se agrupam em esferas de comunicação e estas são compostas de gêneros os quais se distinguem e se expandem, fazendo crescer também a esfera de que fazem parte.

Em seu livro **Gêneros Orais e Escritos na Escola** (2004), Dolz e Schneuwly apresentam um capítulo intitulado Os gêneros escolares- das práticas de linguagem aos objetos de ensino, bastante esclarecedor para quem procura desenvolver um trabalho sobre a diversidade dos gêneros no ambiente escolar. Os autores definem as práticas escolares, as atividades e os gêneros de linguagem e expõem a escola como lugar de comunicação ao afirmarem que “o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam.” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 78). Para os autores, a consequência dessa transformação é o aparecimento de novos gêneros e novas possibilidades de comunicação.

Marcuschi (2008) discorre ainda sobre a falta de clareza entre tipos e gêneros textuais e ressalta a aplicação de gêneros diferentes, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao se trabalhar com a compreensão de textos e a produção dos mesmos.

O que mais salta à vista, no entanto, é a confusão entre oralidade e escrita. Pois não há clareza quanto a critérios que teriam sido usados para estabelecer essas distinções. Mesmo as exposições ao longo dos PCNs não ajudam a entender o procedimento nesse ponto. (MARCUSCHI, 2008, p.209).

Os quadros reproduzidos a seguir permitem visualizar a crítica do autor quanto a essa obscuridade:

GÊNEROS PREVISTOS PARA A PRÁTICA DE COMPREENSÃO DE TEXTOS

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	Cordel Texto dramático	LITERÁRIOS	Conto Novela Romance Crônica Poema Texto dramático
DE IMPRENSA	Comentário radiofônico Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Artigo Reportagem Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate Palestra	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Verbetes enciclopédico (nota / artigo) Relatório de experiências Didático (textos, enunciados de questões)
PUBLICIDADE	propaganda	PUBLICIDADE	Propaganda

Imagem 1. Gêneros previstos para a prática de compreensão de texto

GÊNEROS PREVISTOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS

LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS		LITERÁRIOS	Conto Poema
DE IMPRENSA	Entrevista Debate Depoimento	DE IMPRENSA	Notícia Editorial Carta do leitor Entrevista
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Exposição Seminário Debate	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Relatório de experiências Esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia

Imagem 2. Gêneros previstos para a prática de produção de texto

Entendemos que, hoje, as práticas discursivas são as colunas que estruturam o ensino da língua. No entanto não é uma tarefa muito fácil associar o trabalho que

professor desenvolve livremente com seus alunos àqueles que já vêm pré-estabelecidos pela Proposta Curricular, embora seja como proposta que ela deva ser tratada, isto é, utilizar a proposta curricular implica em aceitar uma sugestão para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Rojo (2000) defende a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, em especial aos que se referem à Língua Portuguesa e justifica que essa elaboração é um procedimento que serve de guia para os currículos e seus conteúdos mínimos necessários para desenvolver as habilidades e competências nos alunos. A autora esclarece ainda que “*gêneros discursivos ou textuais* são tomados como *objetos de ensino* nos PCNs”.

Nesse sentido, a autora aponta a organização dos gêneros textuais em agrupamentos e, de acordo com Dolz e Schneuwly (1996 *apud* Rojo, 2000, p.34) deve-se propor “um agrupamento de gêneros essencialmente regido pelas capacidades de linguagem exigidas pelas práticas de uso da linguagem em pauta e que os distribui por cinco domínios”. Os autores classificam esses grupos, expectando um avanço nos domínios narrar, relatar, expor, argumentar e instruir.

Hoje, para se trabalhar com as tipologias textuais e seus gêneros, dispomos das Tecnologias de Informação e Comunicação e, ao lermos Braga e Buzato (2012, p.3) reconhecemos que todo processo de comunicação foi um dia resultado da tecnologia, uma vez que para se fazer o registro da escrita, seria necessário se pensar em um suporte que pudesse armazenar o que deveria ser registrado. Certamente, a partir dos registros das paredes das cavernas às telas dos computadores, muitas modificações ocorreram na maneira de pensar do homem e nas práticas de representação desse pensamento, principalmente quanto ao uso da linguagem.

Mas, à medida que os conhecimentos e valores culturais foram se ampliando ao longo da história das diferentes comunidades, os indivíduos passam a sentir a necessidade de formas alternativas de usar a linguagem e de ampliar o seu potencial de trocas comunicativas. (BRAGA e BUZATO, 2012, p.3)

Para mencionarmos as Tecnologias de Informação e Comunicação é preciso que nos reportemos aos meios utilizados para se obter uma comunicação rápida associada a mensagens breves: telégrafo, rádio, telefone, fotografia, vídeos, televisão. Hoje o acesso à Internet nos possibilita usufruir de todos esses recursos

em um único suporte. Assim, é inegável que essa ferramenta facilita a vida das pessoas, permitindo-lhes um novo olhar à leitura e à escrita.

Marcuschi (2008) questiona se a escola deve se valer do estudo dos gêneros já cristalizados ou se deve ocupar-se de trabalhar os gêneros emergentes na mídia virtual uma vez que Erickson (1997 *apud* Marcuschi, 2008, p. 198) afirma que “a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”.

Sabemos que muitos são os gêneros de textos que compõem os tipos textuais, alguns considerados novos, outros que acabam por substituir gêneros já existentes, porém como obsoletos nos dias atuais. É o caso do e-mail que, por ser em tempo real, acaba substituindo a carta, por exemplo.

Segundo Marcuschi (2010) ainda há uma grande confusão para se compreender a definição de tipo textual e gênero textual. Sem fugirmos do que se propõe este trabalho, é interessante observarmos o quadro sinótico que se segue:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, <i>outdoor</i> , inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Imagem 3. Diferenças entre Tipos e Gêneros textuais

É curioso notar que quando se fala de tipo textual percebe-se que se trata de algo limitado, restrito, ao passo que os gêneros são mais numerosos inclusive por seu conteúdo e composição.

Ainda assim, mesmo em sala de aula, muitos de nós professores acabamos por, equivocadamente, tratar um pelo outro. E isso também ocorre nos livros didáticos e em questões formuladas para concurso público. Há que se tomar um cuidado maior quando se for definir tipo e gênero para que haja compreensão de ambos por parte dos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) recomendam ao professor que, ao trabalhar com textos, orais ou escritos, que os mesmos sejam pautados nos gêneros. Marcuschi revela que os gêneros podem ser definidos como artefatos linguísticos concretos. "Esta circunstância ou característica dos gêneros torna-os, como já vimos, fenômenos bastante heterogêneos, e por vezes, híbridos em relação à forma e aos usos. (MARCUSCHI, 2010, p.35).

Mesmo assim, ao ler determinado gênero, o leitor já se predispõe àquela leitura, uma vez que gêneros podem ser tidos como modelos de comunicação. Ele sabe que ao ler uma fábula, por exemplo, os personagens serão animais, haverá uma moral da história etc.

Ainda sobre gêneros textuais e ensino, sabe-se que a escola oferece os mais diversos gêneros, dentro das modalidades oral e escrita, incluindo as suas dificuldades, sem receitas prontas para facilitar o ensino da língua, mas há que se buscar novos meios para que o aluno cada vez mais reconheça-se nas leituras que faz e veja sentido nesse processo.

Devemos diversificar, entretanto nossas práticas escolares e vamos discorrer neste trabalho sobre a esfera jornalística, que é constituída de vários gêneros, mesmo tratando de apenas dois deles em específico: o documentário e a entrevista.

Compreendemos que trabalhar o vídeo documentário na sala de aula possibilita ao aluno aprender muito sobre a linguagem, sobretudo através da utilização das mídias. Amorim (2009) reforça a ideia de se trabalhar com esse gênero com os alunos por ser uma proposta dos PCNs, mas também evidencia três motivos que justificam essa escolha. A autora destaca que o gênero documentário estimula a utilização de mídias na sala de aula, como tv/dvd, internet; é um gênero do letramento cinematográfico que pode ser incorporado pelo letramento escolar e

pelo fato de ele ser um supra-gênero que permite o trabalho com outros, como a entrevista e o depoimento. (AMORIM, 2009, p.2)

Ao trabalharmos com o vídeo documentário, exploraremos outro gênero: a entrevista. Oyama (2008) sintetiza em seu livro dicas de como fazer uma boa entrevista, alertando o leitor de que a melhor entrevista é a pessoal, de como se vestir para realizar uma entrevista, da necessidade de se marcar local e horário para entrevistar, de que tratamento dispensar ao seu entrevistado.

Trechos de entrevistas constroem parte dos documentários e diferentes falares estão neles expostos, uma vez as pessoas entrevistadas pertencem a classes sociais diferentes, bem como profissões e faixa etária. Neles, a linguagem poderá ser analisada quanto ao sotaque, vocabulário, marcas da oralidade, entre outros. Reconhecemos então que todas as línguas são variáveis e trabalhar a variação linguística é de fundamental importância para que os alunos compreendam que a língua não é usada de forma idêntica pelos seus falantes.

A questão das variantes linguísticas é apresentada Antunes (2007) e Bentes (2012) com muita propriedade, eliminando qualquer vestígio de preconceito linguístico.

[...] existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e, como tais, são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua (ANTUNES, 2007, p.104)

Bentes (2012) enfatiza que todas as línguas mudam e variam. Sob a perspectiva sociolinguística, a autora explica o porquê de falarmos e escrevermos de maneira diferente de acordo com a situação, o local, entre outros aspectos.

Neste trabalho, a questão da variação linguística será ilustrada, em especial no gênero entrevista, já que antes de ser um texto escrito, ele foi construído na oralidade.

3.1 Algumas reflexões sobre a Leitura

A leitura vai além dos livros e, se ao professor cabe o papel de formador de leitores e de apreciadores de leitura, há que se mostrar aberto às diversas faces da mesma e compreender a importância da memória nesse processo, enfatizando ao menos um de seus usos. Uma das funções da memória é, de acordo com Versiani, Yunes e Carvalho (2012, p.22) “lembrar que antes mesmo de ser alfabetizada, uma pessoa já é capaz de ler o mundo e, assim, de quebrar a barreira dos academicismos”.

Ao refletirmos sobre isso, chegamos a uma questão bastante discutida, que é o porquê de escola não ser o espaço onde se aprende a gostar de ler. Vou além com as minhas afirmações ao dizer que a escola, muitas vezes, destrói o fascínio que o aluno traz consigo acerca dessa ação. Ao chegar ao ensino fundamental II, ele passa a ver a leitura como obrigação e o prazer que possuía diante dos livros desaparece. Isso ocorre porque, por trás da leitura sugerida, vêm avaliações, fichamentos entre outras cobranças em que o aluno se vê diante de uma única interpretação, não podendo assim, expandir seus conhecimentos e sentir-se livre a falar sobre aquilo que compreendeu, que visão teve diante do texto, ou até mesmo o que lhe foi acrescentado com esta ou aquela leitura.

Quando abrimos mão de provas, fichas de leitura, relatórios, para “avaliarmos” ou “verificarmos” se uma leitura foi ou não realizada e, em seu lugar investimos nosso tempo no convite à leitura, no estímulo ao compartilhamento das leituras pessoais, no debate que estimula a reflexão e a construção de argumentos, em atividades multidisciplinares que permitam as crianças e jovens expressarem sua leitura em desenhos e outras formas lúdicas de expressão, com certeza, estamos no caminho não apenas de ensiná-lo a ler, mas a gostar de ler. (VERSIANI, YUNES & CARVALHO, 2012, p.29)

As narrativas sempre fizeram parte da vida do ser humano e continuam a desempenhar um papel relevante, visto que por meio delas, refletimos sobre nossas vidas e, fatalmente nos sentimos envolvidos pelas tramas e enredos nelas contidos.

Sem falar no gosto que os alunos têm em relatar fatos do seu cotidiano, fatos esses que o professor não deve desprezar, pois muitas vezes, somente para nós eles veem a oportunidade de narrar o seu dia a dia. São nesses momentos que

surtem a oportunidade de se aprender e de se ensinar. “Contar e ouvir histórias ajuda na formação do leitor e na construção de identidades. No momento da contação, se estabelece uma relação de troca entre contador e ouvintes.” ((VERSIANI, YUNES & CARVALHO, 2012, p. 60)

Diante da questão “Como desenvolver o prazer de ler”, faz-se necessário buscar uma metodologia que facilite o contato dos alunos com a Literatura de maneira bastante significativa e que conduza o leitor a uma maior compreensão do mundo. Como seria então essa metodologia facilitadora? Certamente aquela que permita ao aluno escolher o que vai ler, buscando gêneros e autores que se familiarizem e, podemos assim assegurar que, mesmo que não em todas as práticas destinadas à leitura, mas em grande parte delas, será possível fazer isso e constatar que a maioria dos alunos sente-se satisfeita.

Gregorin (2012) denomina gavetas as imposições cobradas pelos professores ao adotarem um livro, imposições essas que afastam cada vez mais o aluno do gosto pela leitura, sem falar no distanciamento do leitor com a vida e com a sociedade, já que tais gavetas são compostas de itens pré-estabelecidos e voltados para os componentes curriculares. O autor propõe “a preparação de um planejamento de ensino em que se revelam de maneira clara quais são os saberes essenciais para a vida do aluno.” (GREGORIN, 2012, p.155)

Determinadas práticas discursivas trabalhadas em sala de aula levam o aluno a assumir uma função-autor e, em seu discurso, é firmado apenas o que achar relevante. No entanto, para se chegar a isso, é preciso anteriormente compreender e interpretar o texto. Assim, a leitura é um trabalho sobre o efeito-leitor e para se chegar a uma leitura interpretativa, há que se levar em conta não apenas os ditos no texto, mas principalmente, os não-ditos.

O texto, enquanto produto, com a sua forma e organização linguísticas específicas, é efeito de um processo de produção de sentidos pelo qual um sujeito ocupa uma *função-autor*, historicamente constituída, que, por sua vez, só funciona em relação a determinados *efeitos-leitor*, em condições concretas de produção. É essa relação, materializada como um jogo de imagens que estruturam o texto, que permite identificar e interpretar as diferenças entre gêneros (ZOPPI-FONTANA, 2012, p.13)

Produção de sentido. Talvez seja esse o grande nó da leitura discutido nos dias de hoje. Quem de fato lê? Ou melhor, quem sabe ler? Se perguntarmos isso a qualquer aluno ou pessoa que tenha passado pela escola a resposta será unânime: “Sabemos ler”.

Ora, decodificar símbolos e letras está bem distante do que se espera de um leitor proficiente. Sabe-se que grande parte dos alunos passa pela escola e dela sai apenas decodificando símbolos gráficos, quando muito conseguindo compreender o que está claramente escrito nos textos.

De acordo com Terra (2014, p.54) “Construção de sentido é um processo complexo e não deve ser confundido com a simples decodificação e identificação de informações básicas.” O autor continua, afirmando que a construção de sentido só ocorre por meio de inferências, de outros conhecimentos, o que revela ser necessário sair do texto para interpretá-lo.

Esses outros conhecimentos de que fala o autor são de fundamental importância para a concretização da leitura.

Ao ler, mobilizam-se também conhecimentos linguísticos e textuais, isto é, acionam-se saberes relativos à estrutura da língua (conhecimentos relativos ao léxico, às regras da língua, ao registro utilizado etc.) e a estruturas ou modelos de textos (se o texto relata um fato, expõe uma ideia, apresenta argumentos, descreve algo, se é uma piada, um poema, um conto, ou um requerimento etc.). Os conhecimentos linguísticos são adquiridos desde tenra idade pelo contato com outros falantes da língua. Na escola, essa competência linguística é desenvolvida, uma vez que se é solicitado refletir sobre esses conhecimentos. (TERRA, 2014, p.59)

Desse modo, a competência textual se revela à medida que o aluno seja capaz de diferenciar as estruturas que compõem um texto, a que tipo e a que gênero ele pertence, se há intertextualidade, bem como quais os conhecimentos prévios que foram ativados para evidenciar-se como um leitor competente.

Segundo Terra (2014) os conhecimentos prévios são peça fundamental nas práticas de leitura a qual ele sustenta ter uma missão autoalimentadora: “quanto mais conhecimento armazenado na memória o leitor tiver, maior sua compreensão, pois esta resulta de uma atualização de texto com base nos conhecimentos prévios. (TERRA, 2014, p.59).

3.2 O trabalho com gêneros textuais no ensino de língua portuguesa

Desde a Antiguidade Clássica, os gêneros são estudados. Iniciavam-se os estudos dos gêneros retóricos e, nas épocas posteriores, quase nada foi adicionado. Compreendia-se a natureza dos gêneros como enunciados. De acordo com Bakhtin (2003, p.263) “a especificidade dos gêneros retóricos encobria a sua natureza linguística geral.” Bakhtin (2003) negava a redução da heterogeneidade dos gêneros e, conseqüentemente, os obstáculos em definir a natureza dos enunciados. Segundo o autor

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos, e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Hoje há uma grande variedade de gêneros no ensino da língua e ela pode ser explorada de forma a atender às reais necessidades dos alunos. Segundo Marcuschi (2008), os gêneros escritos superaram os orais e isso se justifica pelo fato de que a escrita desempenha um importante papel nas tarefas do dia a dia em nossa sociedade e as diferentes culturas tendem a pluralizar as formas textuais. “Essa tendência torna de algum modo difícil a vida do cidadão comum, que já não consegue dominar com facilidade essa verdadeira selva textual.” (MARCUSCHI, 2008, p.207)

Depreende-se que a produção de um gênero textual está amplamente associada à receptividade do grupo, isto é, da organização de uma sociedade. Há que se pensar na escola de hoje em quais são os gêneros que levam à compreensão do funcionamento da língua.

A escola objetiva levar o aluno a escrever, falar e ler a partir dos gêneros. Tal afirmação é ratificada por Dolz e Schneuwly (2004) que consideram haver uma multiplicação na função do gênero, deixando de ser apenas instrumento de comunicação, passando a objeto de ensino-aprendizagem.

A produção de sequências didáticas vem reforçar a importância de se trabalhar com os gêneros textuais. Segundo Rojo (2004) atividades diferenciadas,

propostas pelos PCNs, possibilitam uma aprendizagem progressiva e permitem que os alunos reconheçam as características dos gêneros que compõem tal trabalho. Partindo da concepção de que o gênero é um objeto de ensino-aprendizagem, vamos conhecer a esfera jornalística e dois de seus gêneros: o vídeo documentário e a entrevista.

3.3 A esfera comunicativa Jornalística

Rodrigues (2000, p.213) ao citar os agrupamentos de gêneros, destaca a inclusão que fazem parte da esfera jornalística, vistos como objetos de ensino-aprendizagem e dotados de força político-ideológica, inclusive dos grupos sociais dominantes. Tais gêneros entram na escola e encontram apoio na necessidade de compreender a forma como são produzidos os discursos oriundos dessa esfera. Esse domínio proporcionará, segundo a autora, “condições para que os alunos construam os conhecimentos linguístico-discursivos requeridos para a compreensão e produção desses gêneros, caminho para o exercício da cidadania, que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos.” (RODRIGUES, 2000, p.214)

O funcionamento dessa esfera ocorre a partir dos gêneros documentário, entrevista, notícia, reportagem, crônica, comentário, carta do leitor, artigo de opinião, charge, tirinhas, editorial, entre outros, e circulam pelos seguintes suportes e mídias: programas jornalísticos de televisão, cinemas, jornais e revistas (impressos e digitais).

No decorrer deste trabalho vamos notar que a crônica pode pertencer a essa esfera, mas que também pode circular na esfera literária. Os autores expõem nas esferas de circulação quais os tipos e quais os gêneros se inserem nas mesmas, mas não é algo estanque, até porque quando discorreremos sobre os gêneros temos que ter em mente que muitos deles são considerados híbridos.

O quadro a seguir apresenta os agrupamentos dos gêneros:

ASPECTOS TIPOLOGICOS		
DOMINIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho Curriculum vitae Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Imagem 4. Quadro dos agrupamentos dos gêneros (Schneuwly e Dolz, 2004)

3.4 O vídeo Documentário

Trabalhar o documentário em sala de aula vem corroborar o que os autores já citados afirmam sobre o progresso do processo de ensino-aprendizagem. Através dele, os alunos podem assumir-se como produtores do conhecimento e passam a ser sujeitos do processo.

O documentário aborda muitas vezes, problemas sociais e apresenta trechos de entrevistas, revelando a opinião das pessoas, das mais diferentes classes sociais acerca do assunto trabalhado. Possui um caráter educativo, deve ser objetivo e produzido nas modalidades oral, audiovisual e digital, com o propósito de levar as pessoas a refletirem sobre os temas, levando-as a uma transformação social.

O acesso à cultura e ao conhecimento não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas e, quando o acesso se dá, é por meios de comunicação de massa, como a televisão, por exemplo. A impassibilidade das pessoas diante dos acontecimentos é decorrente da falta de espírito crítico que assola essa maioria. O documentário propicia a integração entre os membros de uma comunidade e leva à cooperação entre eles, expandindo os conhecimentos individuais e coletivos. Sendo assim, cabe à escola reverter essa situação, oferecendo o estudo desse gênero aos alunos, com o intuito de criar uma mobilização social.

Napolitano (2004 *apud* Amorim, 2009, p 3) afirma que:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas, além do puro lazer, fazendo ponte entre a emoção e a razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a tornar-se um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar.

O documentário é um gênero considerado subjetivo, pois retoma uma integração entre o produtor do gênero e o tema escolhido, o que torna bastante difícil de seguir literalmente um roteiro estabelecido previamente. Assim, ele não retrata fielmente a realidade, pois é constituído da ficção e da certeza de que não é possível expressar os fatos como eles realmente o são.

Bruzzo (1998) apresenta no início de seu artigo uma espécie de sinopse do que seja um documentário e vai relatando a dificuldade de se demarcar de maneira

precisa esse gênero, não obstante seja possível perceber algumas de suas características. A autora organiza para o seu leitor, elementos capazes de instruir sobre discurso, organização visual, localização no tempo e no espaço, exemplificando-os com títulos de filmes e referências a cineastas.

3.5 A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação

Na era digital, a escola pode contar com muitos recursos que vão além do tradicional. Lousa digital, celulares, sala de informática com computadores conectados em rede, aparelhos de DVD, data-show entre outros.

Para Marcuschi (2008, p. 199) “a *comunicação mediada por computador* (CMC) abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto”, o que nos leva a crer que hoje a escola não pode mais ser vista sem a presença da internet e os gêneros que a compõem.

Braga e Buzato (2012) são categóricos em afirmar que o aluno poderá adquirir a cultura digital, em qualquer espaço físico, tornando-se um consumidor; mas tornar-se-á um cidadão, somente quando a escola trabalhar com os gêneros digitais e obtiver o apoio da família nesse processo de crescimento pessoal.

Deixar o ensino tradicional e buscar novas práticas escolares com a participação ativa dos alunos não é uma tarefa fácil para docentes que ainda não se adaptaram, não só às novas tecnologias, mas a toda mudança que vem ocorrendo no sistema de ensino. O aluno não é mais um ser passivo e não devemos pensar em metodologias fechadas, mas sim em dar, literalmente, voz aos alunos do século XXI.

É possível notar que há hoje muitos meios tecnológicos que seduzem os alunos e não nos adaptarmos a eles fazendo deles instrumentos de trabalho de sala de aula, fará com que nos distanciemos cada vez mais daqueles que são fundamentais no desenvolvimento do nosso trabalho: os alunos.

Portanto, concorreremos com tablets e smartphones e insistir em aulas tradicionais, entremeadas de lousa e giz, não garantirá o sucesso das mesmas, pois temos como alunos uma geração imediatista, acostumada a muita informação em

tempo real, de preferência com som e imagem. E se a escola conta com esses recursos, por que não utilizá-los?

Nas sequências didáticas deste trabalho, as novas tecnologias serão uma constante, tanto para a realização das leituras, quanto para a produção final do mesmo, perpassando pelas atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo. Novamente vale afirmar que o aluno que se encontra hoje no ensino fundamental, em sua grande parte, apresenta facilidade em lidar com as ferramentas tecnológicas, o que facilita o seu trabalho.

IV. A ENTREVISTA

Ao considerarmos gênero um evento de comunicação, podemos afirmar que a entrevista é sim um gênero textual que se subdivide e que pode apresentar estruturas diversificadas, mas sempre com uma peculiaridade comum: a formulação de perguntas seguidas de possíveis respostas.

Dessa forma, podemos dizer que o modelo canônico da entrevista é composto de, pelo menos, dois indivíduos, cada um com papel específico: o entrevistador, responsável pelas perguntas, e o entrevistado, responsável pelas respostas. (HOFFNAGEL, 2010, p.196)

Gênero predominantemente oral, a entrevista quando pertencente à esfera jornalística pode ser reproduzida para uma publicação, sendo o suporte uma revista ou um jornal impressos.

A entrevista alterna perguntas e respostas e deve reproduzir com exatidão uma conversa entre entrevistador e entrevistado. É produzida nas modalidades oral, escrita, audiovisual e digital e circula nas mídias audiovisual, digital e escrita, em suportes como a revista, o jornal, a televisão, o rádio e o computador. “A entrevista mantém uma ligação fundamental com o universo da mídia. Seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio e a televisão.” (DOLZ e SCHEUWLY, 2004, p.86)

Sua finalidade é de informar e servir, algumas vezes, como recurso de coleta de dados. É composta por uma abertura que traz a apresentação breve de quem vai ser entrevistado, somada a informações sobre o contexto da entrevista. O seu corpo é formado por perguntas e respostas e finaliza com a opinião do entrevistador sobre as questões discutidas. Adequada para um texto oral, a entrevista é rica em elementos que caracterizam as variações linguísticas.

A entrevista pode ser considerada um gênero oral, embora haja entrevistas

que sejam transcritas para a linguagem escrita, encontradas em jornais impressos ou revistas. O aspecto que revela uma diferença entre a modalidade oral e escrita são as marcas da oralidade, acompanhadas de uma linguagem corporal.

É necessário mencionar também as variações linguísticas ocorridas nas transcrições escritas e nas falas dos entrevistados.

A variação linguística está presente nos textos (orais e escritos) e nos gêneros textuais. Nas falas e na escrita das pessoas e nas mais diferentes práticas de linguagem, os traços linguísticos diferenciadores e/ou marcadores de pertencimento social e/ou regional concorrem, ou seja, ambos os tipos de traços formatam a produção da linguagem simultaneamente. (BENTES, 2012, p. 9)

Ainda segundo Bentes (2012, p.8) “Trabalhar com a variação regional em sala de aula pode ser uma experiência muito significativa. Pode fazer com que os alunos reconheçam, de forma reflexiva e respeitosa, os diferentes modos de fala.” A autora vê o modo de falar de cada um como um traço de sua identidade social.

4.1 A entrevista na sala de aula

A entrevista é um gênero textual ensinado nas escolas, mais especificamente no 9º ano do ensino fundamental, embora alunos do 7º ano, ao trabalharem com o projeto Jornal de notícias, situação de aprendizagem que compõe o caderno do professor de Língua Portuguesa- Linguagens- um dos materiais didáticos utilizados nas aulas de Língua Portuguesa- acabam por estudar conteúdos e temas tais como: análise de jornais, estudo de notícias jornalísticas e o gênero entrevista.

Para produzirem o jornal, os alunos dispõem de etapas e tarefas que deverão realizar e, como podemos ver, a entrevista está entre as tarefas solicitadas, especificamente na 1ª etapa, tarefa 2:

1ª Etapa	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3
Elaboração da seção <i>Notícias</i>	Pesquisar acontecimentos do bairro que valem a pena ser noticiados.	Fazer entrevistas com moradores do bairro que possam falar sobre o assunto que será noticiado.	Escrever notícias sobre os acontecimentos bacanas do bairro.
2ª Etapa	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3
Elaboração da seção <i>Assuntos culturais</i>	Selecionar livros/filmes/exposições que possam ser apresentados no jornal.	Ler livros/assistir a filmes/visitar exposições.	Escrever "dicas" ou textos de apresentação dos filmes, livros e das exposições, apreciados pelos alunos.
3ª Etapa	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3
Elaboração da seção <i>Anúncios de Serviços, oferecidos pelos integrantes da comunidade</i>	Pesquisar os tipos de serviço oferecidos pelos familiares dos alunos que possam ser úteis à comunidade.	Pesquisar os cursos que são oferecidos gratuitamente aos moradores do bairro.	Escrever os anúncios, considerando o aspecto social dessa divulgação.
4ª Etapa	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3
Montagem das seções do jornal	Selecionar os materiais necessários para a produção do jornal: • textos produzidos nas atividades anteriores (digitados ou manuscritos com letra de imprensa); • papéis para a edição do jornal; • imagens que ilustrarão as seções.	Acréscitar novos textos às seções, como charge, tirinhas, cruzadinhas etc.	Editar o jornal.
5ª Etapa	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3
Evento de divulgação do jornal	Fazer convites ou preparar cartazes, avisando as outras turmas e os professores sobre o jornal.	Fixar o jornal produzido em suportes ou mesas que propiciem a leitura de suas partes.	• Preparar uma apresentação ou um ciclo de palestras sobre o projeto da 6ª série/7º ano e mostrar seu produto final (o jornal finalizado). • Refletir sobre a contribuição desse projeto para a vida dos alunos e da escola.

65

Imagem 5. Quadro com a referência à entrevista como gênero solicitado pelo currículo- Caderno do professor de LP- Linguagens)

Este material traz ainda como sugestão uma atividade de produção escrita, em que os alunos, mesmo que coletivamente, sejam capazes de elaborar uma espécie de questionário para ser aplicado durante as entrevistas que irão realizar.

Levar os alunos a refletir sobre o tema trabalhado e a partir dele formular perguntas pertinentes está entre os objetivos propostos desse trabalho. Naturalmente que antes da realização dessa tarefa, os alunos possam conhecer os diferentes tipos de entrevistas, testemunhando a adequação das perguntas ao tema e que enriquecem uma entrevista.

Há um modelo proposto pelo caderno do professor para a condução da atividade, mas o mesmo deve ser ampliado pelos alunos e a eles deve ser oferecida a oportunidade de compor seu próprio modelo.

Diante dessa situação de aprendizagem, os alunos realizaram, dentro da própria escola, entrevistas com alunos e funcionários a partir de temas que compunham as notícias elaboradas. Tais entrevistas foram gravadas em celulares, ouvidas e transcritas para um jornal impresso. Com isso, ao trabalharem com as crônicas e os seus temas levantados, puderam novamente realizar entrevistas e selecionar aquelas que comporiam seus vídeos documentários. Dessa vez, as mesmas seriam filmadas para serem captadas imagens e sons.

V. O GÊNERO CRÔNICA

Para iniciar o comentário sobre o gênero “crônica”, é importante que tenhamos em mente o significado do termo. A palavra “crônica” é oriunda do latim *Chronica* e do grego. *Khrónos*, consagra o conceito de tempo, informando com ele o discurso dos textos que designa.

A princípio a crônica tinha a função de registrar fatos históricos por ordem cronológica e na alta Idade Média esse gênero passou a ser vista de forma individual o que lhe garantiu uma grandeza interpretativa.

A crônica ganha seu sentido moderno no século XIX quando deixa de ser apenas um fragmento de abertura de um folhetim e se expande a outras classificações, como literária, musical, artística.

Alternando o lugar que ocupava nos folhetins, foi na seção de rodapé que ganhou a colaboração dos homens de letras conquistando espaço entre o Jornalismo e a Literatura. Os cânones, desde essa época, já exerciam influência naquilo que seria considerado relevante no mundo da leitura.

A crônica contemporânea alterna entre tecer comentários, ser reflexiva, e assumir o formato de um conto breve. Sendo assim, o autor escolhe qualquer acontecimento para escrever suas crônicas. E é dessa forma que vai estetizando-se.

Stalloni (2007) discorre sobre as narrativas breves e acaba por citar a crônica histórica, por pertencer ao gênero literário narrativo. O autor comprova sua afirmação revelando que o ato narrativo reproduz acontecimentos, que o critério de verdade não é concernente a esse gênero, que o mesmo pode ser escrito em verso ou prosa, não sendo relevante sua estrutura.

Mas há controvérsias. Terra (2014) indaga se crônica deve ser considerada, de fato, um gênero literário.

Se um poema épico ou romance, por si sós, induzem a classificá-los como literários, o mesmo não ocorre com a crônica, uma vez que intrinsecamente não constitui um gênero literário, podendo pertencer a outras esferas discursivas como o jornalismo, ou a historiografia, ou como as crônicas medievais, de que são exemplos as de Fernão Lopes. (TERRA, 2014, p.143)

O problema ocorre pelo fato de a crônica apresentar características que se assemelham as do conto. Todavia, ao analisarmos conto e crônica, notamos que alguns elementos da narrativa como tempo e espaço são mais bem marcados no conto. Há ainda outra diferença, pautada pelo próprio narrador. No conto o narrador é um elemento criado pelo contista, enquanto que na crônica, muitas vezes temos como narrador o próprio cronista.

“O caráter híbrido, aliado ao fato de ser veiculada em órgãos de comunicação de massa, levou alguns críticos a considerarem a crônica um gênero literário menor”. (TERRA, 2014, 144) O que eleva crônica como literatura é o fato de autores consagrados como Eça de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade escrever esse gênero.

A crônica está associada ao tempo e aos temas do dia a dia. Transpondo do humor à poesia, as crônicas sobrevivem à passagem do tempo, antes escritas nos folhetins e jornais e hoje imortalizadas nos livros. Embora seja verdade que muitas delas deixam de fazer sentido para uma pessoa que não pertença a mesma época ou local da produção da crônica, ou se o assunto do cotidiano não fizer parte do seu universo.

Terra (2014) refere-se à crônica como um texto particular, no qual podem ser representadas lembranças, reflexões e observações acerca dos assuntos simples do dia a dia, com o objetivo de levar o leitor a se divertir, refletir ou até mesmo fazer críticas diante do tema apresentado.

5.1 A crônica na sala de aula

A escola EE Joaquim Pedroso de Alvarenga conta uma biblioteca com livros dos mais variados gêneros, porém não dispõe de exemplares iguais suficientes para o desenvolvimento de um projeto. Diante disso, as aulas de leitura são mais livres, o que agrada bastante os alunos, os quais podem escolher o que vão ler na sala e o que podem levar para a casa. Alguns deles chegam a retirar até três livros cada vez que se dirigem à sala de leitura.

Para que não a aula não seja conduzida sem objetivos pré-estabelecidos e sem qualquer avaliação, normalmente são realizadas algumas rodas de conversa a

fim de que o aluno apresente a história do livro lido, comente se gostou ou não do enredo, se ele recomendaria tal leitura...Enfim, o aluno acaba divulgando para o professor e para os colegas se realizou de fato tal leitura. Algumas vezes, por falta de tempo para essas grandes discussões, eles fazem um fichamento por escrito.

Pensando no projeto sobre crônicas, a primeira atividade realizada foi uma espécie de questionário para eu (re)conhecer o perfil leitor de cada aluno. Assim, pude o histórico de cada um de forma a verificar se a leitura fazia ou não parte do universo deles, inclusive em suas casas. A surpresa maior foi saber que dos 27 alunos, apenas um não tinha interesse, nem gostava de livros. Todos já vinham de séries anteriores com ao menos uma aula de leitura por semana e possuíam livros em casa. A leitura já fazia parte do dia a dia desse grupo de alunos.

Ficha de análise do perfil do aluno

1- Endereço:

Rua da Felicidade nº 55 - Tombador

2- Você reside com:

☒ Pai ☒ Mãe ☐ Avós ☐ Padrasto ☐ Madrasta ☒ Irmãos 2☐ Outros _____

3- Existem livros na sua casa?

☒ sim ☐ não

4- E jornais e revistas?

☒ sim ☐ não

5- Você gosta de ler?

☒ sim ☐ não

6- Em caso afirmativo, quais as suas preferências em relação à leitura?

Livros, gibis, revistas, etc.

7- Seus pais são alfabetizados?

☒ sim ☐ nãomãe - Cte 4ª Série Mãe - Cte 8ª Série

8- Você iniciou seus estudos com que idade?

6 anos

9- Nos anos anteriores, você frequentou a sala de leitura de sua escola? Em caso afirmativo, o que achava das aulas?

Sim, era bem legal.

10- Produza um texto em que você narre suas memórias de leitura:

*Eu aprendi a ler com 6 anos a pedido
 da minha família. Eu gostava de ler
 livros e depois de estudar, gostei de
 ler. 8 anos aprendi a ler a família
 com uma a família. O primeiro livro
 que eu li foi "Capitães da Cruz"
 de Jorge Amado. Os livros que eu
 mais gostei foi o que eu fiz no
 5º ano. Eu gostei de ler "Os Tamoios"
 do Camilo.*

Imagem 6. Exemplo de ficha preenchida por aluno

Realizada essa tarefa, decidi apresentar o gênero crônica para eles. Para tanto, montei alguns slides cujo início trazia apenas o título **Pneu furado**, do autor- Luís Fernando Veríssimo- seguidos de uma imagem. Tela aberta, comecei os questionamentos sobre o título e a imagem. Todos responderam prontamente, já que tudo era muito simples e, então foram questionados acerca dos fatos que poderiam ocorrer mediante tal título. Nada disseram além do esperado de uma situação cotidiana como ter o pneu de seu carro furado.

Imagem 7 Slide - Sondagem a partir de título e imagem

Iniciada a leitura, nos deparamos com um elemento surpresa: o carro que tinha o pneu furado não pertencia à moça cortejada pelo rapaz, que fazia questão de trocá-lo. Tal fato gerou o humor da crônica e a classe se surpreendeu com esse fato. Finalizada a leitura, fomos juntos, professora e alunos, levantando quais características formavam tal gênero. Outras características que não compunham o

texto lido foram reveladas pela professora, posteriormente. Para essa atividade foram usadas duas aulas de 50 minutos cada.

O próximo passo foi levar para a sala de aula cópias impressas contendo outras seis crônicas do mesmo autor (1- Pechada; 2- O homem trocado; 3- Tecnologia; 4- A metamorfose; 5- Pânico e 6- O que faz bem para a saúde?). Não foi possível utilizar livros como **Para gostar de ler Crônicas**, nem **As cem melhores crônicas brasileiras**, uma vez que não havia número suficiente de livros para a realização de uma leitura individual. Quatro aulas foram necessárias para que a leitura silenciosa fosse efetuada e, em seguida, acontecesse a roda da conversa, discutindo o conteúdo dos textos e levantando o tema apresentado em cada uma das crônicas lidas.

A turma foi dividida em seis grupos e cada um deles ficou com um tema para que montasse um vídeo documentário. Perguntados se já tinham ouvido falar em documentários ou até mesmo assistido a alguns, grande parte da classe respondeu afirmativamente. Mesmo assim, foram passadas as orientações de como realizar tal tarefa.

Para que pudéssemos chegar à realização de um vídeo documentário, desenvolvi algumas atividades com os alunos para que compreendessem um pouco mais sobre o gênero em questão bem como a entrevista que estava diretamente ligada a ele.

A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO

Você já pensou em se reunir com seus colegas e juntos produzirem um documentário? O que seria necessário para produzir um filme? Câmeras domésticas, telefones celulares e mesmo máquinas fotográficas digitais seriam suficientes para seu grupo produzisse um documentário? Para que você conheça um pouco sobre esse gênero, vamos entender as etapas clássicas pelas quais um filme deve passar:

1- Pré-filmagem

Nesta etapa, deve-se organizar um roteiro, escolher os atores, as locações e os estúdios. O roteiro é formado desde a organização das ideias, até a previsão do tempo necessário e a escolha de lugares onde serão registradas as imagens selecionadas. O roteiro também possibilita a aprendizagem de descrever o que se vai filmar.

2- Filmagem

Encenação e registros das cenas e sequências previstas no roteiro organizam a filmagem. Não se pode esquecer de que, antes de filmar, é necessário preocupar-se com o uso da imagem de terceiros. Deve-se perguntar a quem vai ser filmado se concorda que a sua imagem seja exposta. Depois disso, o registro de diversas imagens e depoimentos devem se interligar ao tema trabalhado.

3- Montagem e edição

Depois de filmado, o material é recortado, selecionado e organizado em novas sequências, acrescido de trilha sonora musical. Nesta etapa, deve-se definir qual será o produto final, responsável pela mensagem de todo um processo coletivo. A clareza das ideias, a sensibilidade e a coerência com a proposta escolhida são fundamentais para que se chegue ao objetivo final.

4- Lançamento

O filme é objeto de marketing. Onde ele será divulgado? Nas salas de cinema, em DVDs, em canais de televisão, em telões públicos? É necessário definir os locais de divulgação do filme.

Vários elementos organizam um documentário: cenários naturais, câmera no ombro, som ambiente, legendas, música, imagens filmadas, imagens de arquivo, reconstruções, etc.

Vamos agora falar das entrevistas que fazem parte da estrutura dos documentários. Para darmos início a esse estudo, leia com atenção o fragmento de texto a seguir:

LEITURA

"O texto era muito importante"
Depoimento de Gregório Bacic a Valquíria Kneipp

Na entrevista a seguir, o jornalista, cineasta e diretor de televisão paulista Gregório Bacic - idealizador e diretor do Programa "Provocações", da TV Cultura - fala sobre sua trajetória profissional no telejornalismo brasileiro.

Gregório Bacic

(Fragmento de texto)

Valquíria Kneipp: Desde quando você trabalha em televisão?

Gregório Bacic: Comecei a trabalhar em televisão em março de 1967, quando a TV Bandeirantes estava

se preparando para entrar no ar. Eu fiz parte da primeira equipe de jornalismo da TV Bandeirantes, chamada de titulares da notícia, que inaugurou a tevê Bandeirantes no dia treze de maio daquele mesmo ano. Eu trabalhava antes na Rádio Bandeirantes.

VK: Em quais emissoras você já trabalhou, além da Bandeirantes?

GB: Eu trabalhei como jornalista na Bandeirantes, fazendo o telejornal. Trabalhei na Tevê Globo em 1968, num jornal que era uma espécie de antecessor do espírito atual do Jornal Nacional, que surgiu em 1969.

Ele era feito ao meio-dia, em São Paulo e no Rio de Janeiro, com trocas de matérias em videotape do Rio, que vinham pra cá de avião, e daqui, que iam de avião para o Rio de Janeiro no dia anterior.

Trabalhei depois na TV Cultura, não como jornalista, mas como diretor de programa; mas em alguns casos eu fiz alguma coisa jornalística. Por exemplo, eu participei extra-oficialmente, fiz algumas matérias mesmo, para o telejornal, o primeiro telejornal da TV Cultura - que era o Hora da Notícia, que era uma vez por semana quando foi criado. Algumas vezes me pediam, e eu era muito amigo das pessoas que faziam jornalismo. Cheguei a fazer algumas matérias, mas nada oficialmente. Depois, jornalisticamente falando, eu vim trabalhar na TV Globo, no

Globo Repórter, em São Paulo, que era situado na área do jornalismo, apesar de eu achar que o que eu fazia lá, o que nós fazíamos lá, não era necessariamente jornalismo. Nós fazíamos documentários. Em 1979 eu fui chefe de jornalismo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Ah, eu acho que em termos de jornalismo é isso. Atualmente estou no programa Provocações, que não é um programa jornalístico, se bem que muita gente insista que é.

VK: Quais foram as funções que já exerceu em todas essas emissoras?

GB: Sempre no jornalismo... As funções eram um pouco diferenciadas naquele tempo, a gente tá falando de um período há quarenta anos. Eu fui redator. Eu fui editor. Fui repórter algumas vezes. Fui chefe de jornalismo da Rádio Nacional do Rio, como eu já disse. Basicamente isso: também fui diretor de programas na TV Globo.

[...]

1. A que gênero pertence o texto lido? Como você chegou a essa conclusão?
2. Qual a estrutura do texto?
3. Qual a finalidade desse texto?
4. Quais seriam os possíveis leitores de textos como esse?
5. Podemos dizer que há o predomínio da linguagem padrão ou da linguagem coloquial? Copie trechos que comprovem sua resposta:
6. Em que veículos podemos encontrar esse tipo de gênero textual?

INTERAÇÃO AUDIOVISUAL

Assista às duas entrevistas a seguir:

Clique [aqui](#) ou acesse o site:

www.youtube.com/watch?v=w2mphla9Qdk&feature=youtu.be

Clique [aqui](#) ou acesse o site:

www.youtube.com/watch?v=dXjZyCpnS9Q&feature=youtu.be

TRABALHANDO EM EQUIPE...

O que há em comum entre as duas entrevistas? Em que elas se diferem? É possível perceber que a fala dos entrevistados foram editadas? Como isso é possível?

Elabore em grupo uma síntese sobre as entrevistas assistidas:

ENTREVISTA: Definição, Circulação e Estrutura.

Segundo o dicionário Aurélio:

Entrevista: s.f. 1. Conversa com uma pessoa para interrogá-la sobre os seus atos, ideias e projetos, a fim de publicar ou difundir o seu conteúdo ou de utilizá-la para fins de análise (inquérito de opinião).

Suporte é o portador de texto onde os gêneros circulam. Textos como entrevistas podem ser encontrados nos seguintes suportes:

- ✚ Jornais;
- ✚ Revistas;
- ✚ Televisão;
- ✚ Computador;
- ✚ Rádio.

DA ENTREVISTA AO DOCUMENTÁRIO

Uma das técnicas utilizadas na produção de um Documentário é a utilização da entrevista direta. Após analisar algumas entrevistas, o próximo passo será acompanhar um documentário **O catador de papel**.

Clique [aqui](http://www.youtube.com/watch?v=FMXx7WWQQi4&feature=youtu.be) ou acesse o site:

www.youtube.com/watch?v=FMXx7WWQQi4&feature=youtu.be

O gênero a que acabamos de assistir é um documentário. Vamos discutir um pouco sobre esse gênero.

- 1- O que é um documentário?
- 2- Como esse gênero se estrutura?
- 3- Quais as diferenças entre um documentário e outros filmes mostrados nos cinemas?

4- Você já assistiu a outros documentários? Onde? Qual o tema apresentado?

VOCÊ SABIA...

Que o Documentário é um gênero cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Mas dessa afirmação não se deve deduzir que ele represente a realidade, tal como ela é. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade.

DICA

Conheça os melhores documentários brasileiros, clique [aqui](#) ou acesse:

www.listasde10.blogspot.com.br/2009/10/10-documentarios-brasileiros.html

Antes de realizarem a pesquisa e posteriormente a produção do vídeo documentário, foi necessário desenvolver outras atividades relacionadas à leitura de crônica com eles. Dessa forma, inicialmente trabalhamos uma sequência didática a partir da leitura da crônica *História triste de tuim*, de Rubem Braga. A sequência era composta de atividades de compreensão, interpretação, bem como de leitura de outras crônicas e estudo de outros gêneros, a saber: o vídeo, poema e pesquisa, sempre com o mesmo tema estudado.

1. Ativação de conhecimento de mundo

- ✓ Antecipação dos conteúdos
- ✓ Checagem de hipóteses:
Assistir ao vídeo: www.youtube.com/watch?v=n5xZkYdnmxU

2. Localização das informações

Grifar o terceiro e quarto parágrafos que contêm informações já trabalhadas na antecipação dos conteúdos.

3. Produção de Inferências locais e globais

3.1- Locais

- ✓ Nova ortografia: uso do hífen
- ✓ Uso de pronomes para evitar repetição

3.2- Globais

- ✓ Uso intencional dos diminutivos
- ✓ Ditado popular implícito: “Homem não chora.”
- ✓ Julgamento do menino: egoísta ou não?

Recuperação do Contexto de Produção

- ✓ Pedir aos alunos para efetuarem uma pesquisa acerca da importância dos animais de estimação e quais as consequências do grande número de animais abandonados nas ruas da cidade, notavelmente cachorros e gatos.
- ✓ Apresentar o texto ***Nossa família animal (VEJA, Revista/22 de jul.2009) Disponível em veja.abril.com.br. acesso em 14.mai.2013***
- ✓ Caderno do aluno- Volume II Leitura: **Cães e gatos superam o número de filhos**

4. Intertextualidade e Interdiscursividade

- ✓ A crônica Menino da cidade
- ✓ Diálogo entre pai e filho, presente nas duas crônicas
- ✓ Pardalzinho

5. Elaboração de apreciações estéticas / valores éticos

- ✓ Escolha do autor pelo discurso direto marcado pelas aspas
- ✓ Tema bastante pertinente à idade
- ✓ Cuidado com os animais de estimação
- ✓ A importância da liberdade
- ✓ Vídeo: terradegigantes65.blogspot.com/.../saltimbancos-musicas-contam-saga-de...

6. Proposta de Produção

Com base no tema lido e discutido, produza um texto em que seja retratada a ideia “*Amar não tem limite*”, narrando a história de um personagem com seu

animal de estimação.

Sugestão de filme: Água para elefantes

Imagem 8. Tópicos desenvolvidos na sequência didática

Em seguida, seria a vez de conhecer um pouco mais sobre a entrevista, de maneira que o trabalho final não fosse tão difícil de ser executado pelos alunos. Esse gênero já foi exposto no capítulo específico que trata da entrevista em sala de aula.

Outro passo para se trabalhar a crônica em sala de aula foi retomar a situação de aprendizagem do material de apoio do ano anterior- 5ª série/ 6º ano, ainda que naquele ano as atividades não tenham sido trabalhadas em sua integralidade pelo professor titular. A proposta seria levar para sala de aula narrativas que iam de crônicas a contos de fadas para se chegar às características do gênero crônica narrativa. Também puderam manusear e ler jornais e revistas assinados pela escola e que continham crônicas narrativas.

O quadro a seguir expõe as atividades que os alunos desenvolveram depois de efetuadas as leituras. É uma atividade de observação e o preenchimento do quadro foi realizado em duplas. Na sequência, através de exercícios orais, fui estimulando os alunos a perceberem que características da narrativa estavam presentes nos textos lidos.

1. O professor espalhará alguns livros, revistas e jornais em sala. Em duplas, vocês escolherão um livro, uma revista e um jornal para observar. Depois da observação, copiem e preencham o quadro a seguir no caderno.

Nome do livro analisado	Nome do jornal analisado	Nome da revista analisada
Há algum autor definido? Quem? Localizar e copiar o nome do autor, se houver.	Há algum autor definido? Quem? Localizar e copiar o nome do autor, se houver.	Há algum autor definido? Quem? Localizar e copiar o nome do autor, se houver.
Há uma capa? O que há nela? Descrever os elementos da capa.	Há uma capa ou algo parecido? O que há nela? Descrever os elementos da primeira página.	Há uma capa? O que há nela? Descrever os elementos da capa.
Há um índice? Para que ele parece servir? Localizar índice, se houver, e observar um critério para sua composição.	Há um índice? Para que ele parece servir? Localizar índice e observar um critério para sua composição.	Há um índice? Para que ele parece servir? Localizar índice e observar um critério para sua composição.
Quantas páginas há ao todo? Anotar a quantidade de páginas.	Quantas páginas há ao todo? Anotar a quantidade de páginas.	Quantas páginas há ao todo? Anotar a quantidade de páginas.
Em quantas partes o livro se divide? Observar as divisões e se o aluno relacionou com o índice.	O jornal divide-se em partes? Quantas? Observar se há divisões e se o aluno relacionou com o índice. Aqui os alunos poderão destacar a divisão física dos cadernos, dependendo do jornal.	A revista divide-se em quantas partes? Observar as divisões e se o aluno relacionou com o índice.
Qual parece ser o critério de divisão das partes? Indicar capítulos, autores e textos diferentes.	Qual parece ser o critério de divisão das partes? Indicar grandes temas (política, economia etc.).	Qual parece ser o critério de divisão das partes? Indicar grandes temas (política, economia etc.).
O material em que é produzido o livro parece ser durável? Por que você acha que foi escolhido esse tipo de papel? A princípio, sim. Para ser durável, o papel da capa e das páginas deve ser mais resistente que o de um jornal, por exemplo.	O material em que é produzido o jornal parece ser durável? Por que você acha que foi escolhido esse tipo de papel? Não, por ser um material a ser descartado diariamente.	O material em que é produzida a revista parece ser durável? Por que você acha que foi escolhido esse tipo de papel? Mais durável que o do jornal, menos que o do livro. Pode ser guardado (pela razoável durabilidade do papel).

Imagem 9. Quadro referente ao livro, jornal e revistas analisados pelos alunos

Por meio de sondagem, a fim de que os alunos identificassem o texto como narrativa bem como os elementos que o estruturavam, apresentei-lhes três textos: Tomo I Capítulo II - *Primeiros infortúnios*, de Manuel A. de Almeida; *Avestruz*, de Mário Prata e *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine.

Imagem 10. Texto *Primeiros infortúnios* retirado do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano

Texto B

Avestruz

O filho de uma grande amiga pediu, de presente pelos seus dez anos, uma avestruz. Cismou, fazer o quê? Moram em um apartamento em Higienópolis, São Paulo. E ela me mandou um e-mail dizendo que a culpa era minha. Sim, porque foi aqui ao lado de casa, em Floripa, que o menino conheceu as avestruzes. Tem uma plantação, digo, criação deles. Aquilo impressionou o garoto.

Culpado, fui até o local saber se eles vendiam filhotes de avestruzes. E se entregavam em domicílio.

E fiquei a observar a ave. Se é que podemos chamar aquilo de ave. A avestruz foi um erro da natureza, minha amiga. Na hora de criar a avestruz, Deus devia estar muito cansado e cometeu alguns erros. Deve ter criado primeiro o corpo, que se assemelha, em tamanho, a um boi. Sabe quanto pesa uma avestruz? Entre 100 e 160 quilos, fui logo avisando a minha amiga. E a altura pode chegar a quase três metros. 2,7 para ser mais exato.

Mas eu estava falando da sua criação por Deus. Colocou um pescoço que não tem absolutamente nada a ver com o corpo. Não devia mais ter estoque de asas no paraíso, então colocou asas atrofiadas. Talvez até sabiamente para evitar que saíssem voando em bandos por aí assustando as demais aves normais.

Outra coisa que faltou foram dedos para os pés. Colocou apenas dois dedos em cada pé. Sacanagem, Senhor!

Depois olhou para sua obra e não sabia se era uma ave ou um camelo. Tanto é que, logo depois, Adão, dando os nomes a tudo que via pela frente, olhou para aquele ser meio abominável e disse: *Struthio Camelus Australis*. Que é o nome oficial da coisa. Acho que o *struthio* deve ser aquele pescoço fino em forma de salsicha.

Pois um animal daquele tamanho deveria botar ovos proporcionais ao seu corpo. Outro erro. É grande, mas nem tanto. E me explicava o criador que elas vivem até os setenta anos e se reproduzem plenamente até os quarenta, entrando depois na menopausa, não têm, portanto, TPM. Uma avestruz com TPM é perigosíssima!

Podem gerar de dez a trinta crias por ano, expliquei ao garoto, filho da minha amiga. Pois ele ficou mais animado ainda, imaginando aquele bando de avestruzes correndo pela sala do apartamento.

Ele insiste, quer que eu leve uma avestruz para ele de avião, no domingo. Não sabia mais o que fazer.

Foi quando descobri que elas comem o que encontram pela frente, inclusive pedaços de ferro e madeiras. Joguinhos eletrônicos, por exemplo. Máquina digital de fotografia, times inteiros de futebol de botão e, principalmente, chuteiras. E, se descuidar, um *mouse* de vez em quando cai bem.

Parece que convenci o garoto. Me telefonou e disse que troca o avestruz por cinco gaivotas e um urubu.

Pedi para a minha amiga levar o garoto num psicólogo. Afinal, tenho mais o que fazer do que ser gigolô de avestruz.

Fonte: PRATA, Mário. *Avestruz*. Disponível em: <<http://www.marioprataonline.com.br>>. Acesso em: 8 out. 2012.

Imagem 11. Texto *Avestruz* retirado do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano

Texto C

A cigarra e a formiga

A cigarra, tendo cantado por todo o verão, encontrou-se muito desprovida quando o vento frio chegou: não tinha nenhum pedacinho de mosca ou verme.

Ela foi chorar de fome na casa de sua vizinha, a formiga, suplicando que lhe emprestasse algum grão para sobreviver até a próxima estação.

– Eu lhe pagarei, disse a cigarra, antes de agosto, palavra de animal, tudinho e com juro.

A formiga não costuma emprestar, eis o seu menor defeito.

– O que você fazia no verão? – disse ela à cigarra.

– Eu cantava; por favor, não fique irritada.

– Você cantava? Então já sei: agora dance!

LA FONTAINE. Fábula traduzida do original francês e adaptada especialmente para o São Paulo faz escola. Disponível em: <http://www.memodata.com/2004/fr/fables_de_la_fontaine>. Acesso em: 17 maio 2013.

Imagem 12. Texto *A cigarra e a formiga* retirado do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano

Respondidas às questões, chegou a hora de saber qual ou quais dos textos eram considerados crônicas narrativas, retomando as características já estudadas anteriormente. Os alunos foram capazes de levantar traços que revelavam *Avestruz* como o único gênero em questão. Em seguida preencheram o quadro, como forma de justificar sua resposta:

Crônica analisada	
O texto pode ser considerado uma crônica narrativa? Por quê?	
O texto trata de tema cotidiano? Qual? Como você justifica a atualidade do tema?	
Você considera que o texto apresenta um tom leve? Justifique.	

Imagem 13 Quadro retirado do Caderno do Professor. Vol 1 6º ano

Finalizadas todas as atividades que envolveram a crônica, a entrevista e o documentário, os alunos foram levados à sala do acesso escola e puderam pesquisar textos e imagens que fariam parte dos vídeos por eles produzidos. Utilizaram duas aulas para pesquisa e mais duas para a organização do material pesquisado.

Imagem 14. Fotografia dos alunos em pesquisa na Sala do Acesso Escola

As entrevistas foram realizadas fora do ambiente escolar. Como se tratam de alunos de 12 anos, os vídeos foram compostos por entrevistas realizadas com pais, vizinhos e pessoas próximas de seus convívios. Dois líderes de cada equipe retornaram à sala de acesso escola para a edição dos vídeos documentários e puderam contar com o auxílio da monitora responsável pela sala de informática. Foram produzidos vídeos de 5 minutos. Na aula seguinte, apresentaram o trabalho para que fossem avaliados.

Alguns trabalhos, ainda bem primários, não atingiram o objetivo e proposta do trabalho solicitado. Outros, embora simples, foram elaborados dentro daquilo que lhes foi pedido.

Para encerrar essa etapa do projeto, os alunos produziram uma crônica, cujo tema era o trajeto de casa para a escola, com um fato, objeto ou pessoa que, de alguma forma, despertasse a sua atenção e que isso os levasse a uma reflexão.

Em seguida, temos três textos de crônicas produzidos pelos alunos T., N., e R., todos de 12 anos.

T. 12 anos

Título: A amore florida.

Eu estava indo para o posto de ônibus, quando percebi que havia uma linda amore de flores malandras, cheira muito bonito, mais depois me dei conta que eu já estava acostumada a fazer aquele trajeto.

A amore ficou lá e então o ônibus passou e eu subi.

Quando eu cheguei na escola, fiquei refletindo sobre a linda imagem, mas também pensei em como nós de hoje em dia fazemos nosso trajeto como uma ação mecânica, sem perceber que perdemos muita coisa no meio do caminho, como trânsito, sem animal na estrada, imagens inesquecíveis, cuja a nossa memória a guardamos para sempre.

Quando voltei da escola, uma grande tristeza tomou meu coração, a linda imagem de uma amore cheia de flores, ficou somente um teto quebrado e cheio de bichos.

kajoma

N.12 anos

R. 12 anos

Imagem 15. Exemplos de crônicas produzidas pelos alunos.

Os alunos, ao escreverem, sentiram alguma dificuldade a princípio, porque não conseguiam diferenciar a crônica de uma narrativa qualquer. Bastante interessante o depoimento de G. 12 anos, no processo de sua escrita "Que legal escrever crônica! O duro é que fico pensando sobre o assunto e, quanto mais penso, mais tenho vontade de escrever. E já cheguei nas 20 linhas pedidas pela

professora". A aluna comentou ainda que no início teve medo de escrever por se tratar de um gênero que ela não conhecia muito bem, mas depois adorou produzi-lo.

Ao analisar as crônicas lidas, é notório que os exemplos selecionados trazem textos breves, com assuntos do dia a dia e que fazem seus autores refletirem sobre elementos comuns que acabam por não chamar tanto a atenção das pessoas.

O Texto escrito por T. parte de uma simples placa que não foi notada por ela anteriormente. Em seu texto Terra (2014) faz uma referência aos cânones da Literatura ao dizer sobre o tema usado nas crônicas.

Vinicius de Moraes afirmava que escrever crônica é "escrever prosa fiada". Sobre o tema da crônica, Carlos Drummond de Andrade afirmava que "Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser tanta coisa!". (TERRA, 2014, p.145)

Foi exatamente isso que a aluna T. fez. De um tema cotidiano, escreveu seu texto e propôs uma reflexão acerca da falta de atenção que destinamos às coisas simples e que fazem parte da nossa rotina.

Os textos de N. e de R. têm como assunto principal elementos da natureza que acabam passando despercebidos aos olhos das pessoas. Há um cuidado com a necessidade de não fazermos as nossas atividades rotineiras como algo meramente mecânico. Dentro das possibilidades e por se tratar de alunos de 12 anos, a proposta foi atingida, no que tange à produção textual do gênero em questão.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS: NO FINAL... A SALA DE AULA

Neste ponto de nosso trabalho, há necessidade de discutirmos a leitura literária na sala de aula, prática essa um pouco esquecida, já que a escola tem visto as atividades de leitura e literatura como mais um conteúdo a ser explorado.

Sobre isso, o seguinte trecho de Antonio Cândido pode levar a um pensamento diferente sobre a literatura na sala de aula:

(...) a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (Ibidem, p.191)

O trabalho com gêneros pode e muito contribuir para o objetivo maior da escola que é inserir o jovem aluno como protagonista, não somente nas atividades desenvolvidas em sala de aula, mas em toda a sociedade. Diante disso, o estudo dos gêneros a que este trabalho propõe, não pode mais ser uma razão de cobranças em avaliações periódicas.

Após discorrer sobre gêneros textuais embasados pelos autores citados, é inegável reconhecer que trabalhá-los em sala de aula é de extrema importância. O estudo dos gêneros textuais possibilita ao aluno chegar ao reconhecimento de práticas discursivas e o professor entra como mediador nessa tarefa.

Segundo Bakhtin (2003, p.285)

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Uma das maneiras para lidar com o ensino de gênero é através do uso de sequências didáticas. Através delas, leitura, escrita, oralidade e aspectos

gramaticais são trabalhados contextualizados, o que facilita a aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, o trabalho proposto nessa dissertação levou os alunos à compreensão dos gêneros investigados e, a partir disso, atingiram de forma satisfatória os objetivos esperados. O trabalho com as crônicas em sala de aula em suas diversas etapas juntamente com as atividades propostas vieram corroborar que a leitura é a porta de entrada para o aprendizado seguro.

É indiscutível que a produção de sequências didáticas vem reforçar a importância de se trabalhar com os gêneros textuais, uma vez que estas sugerem atividades diversificadas e que, de certa forma, organizam as aulas, permitindo ao aluno organizar-se também. Essa aprendizagem progressiva proporciona aos alunos serem autores e construtores do conhecimento.

Trabalhar a entrevista e o vídeo documentário com os alunos de sétimo ano, mesmo sendo gêneros condizentes à idade escolar em que se encontram, podem e devem ser mais bem explorados, inclusive nos anos seguintes. É natural que esses alunos acabem realizando trabalhos primários, pela pouca idade e por não contarem com ferramentas muito apropriadas para a gravação dos mesmos, mas que atendem aos objetivos propostos, dentro das possibilidades.

As considerações finais não se encerram aqui. Diante disso, a intenção é que, ao final do ano letivo, os alunos sejam capazes de produzir documentários de 20 minutos com temas retirados das crônicas lidas em sala de aula, com entrevistas e pesquisas mais bem elaboradas e produzidas.

Em síntese, a leitura enquanto prática deve continuar e se estender para todas as disciplinas, como mais um intermédio de produção de conhecimento. Lajolo (2000) desde sempre manifesta uma preocupação quanto aos profissionais da educação apropriarem-se da leitura apenas como um pretexto para o que se vai ensinar. Este trabalho entregue visa justamente ao contrário: utilizando-se da leitura, podemos chegar à edificação de conhecimentos que acarretarão novos conhecimentos e, assim sucessivamente.

Em outras palavras, o leitor ao realizar esta ou aquela leitura, sempre espera encontrar no texto algo que lhe seja significativo. Para sua surpresa, muitas vezes ele pode se deparar com muito mais.

Nesses anos todos como docente de Língua Portuguesa da Rede pública do estado de São Paulo, posso afirmar que o nosso papel é de extrema importância na formação do leitor. É irrefutável que muitos dos nossos alunos apenas na escola encontrarão a oportunidade de conhecer e reconhecer-se no mundo da leitura. Não podemos negar isso a eles.

VII. BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Vera Teixeira de & MARTHA, Alice Aurea Penteado (Org.). *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014
- AGUIAR, Vera Teixeira, CECCANTINI, João Luís, MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino de literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010
- _____. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 2005.
- AMORIM, K.V. **A construção do roteiro cinematográfico**. Disponível em: [a_construcao_do_roteiro_cinematografico_Karine_Viana_Amorim.pdf](#). Acesso em: 13 abr 2015
- ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-53/197] p. 261-306.
- BENTES, A.C. **Tema 2 – O trabalho com as variedades do Português. Tópico 2- Trabalhando com as variedades regionais**. Campinas, SP: REDEFOR-LP/UNICAMP, 2012. Disponível em <<https://autoria.ggte.unicamp.br/unicamp>> Acesso em: 20 abr. 2015
- BRAGA, D. B.; BUZATO, M. E. K. **Multiletramentos, Linguagens e Mídias - A linguagem nos/dos novos meios. Interatividade, Hipertextualidade e Multimodalidade**. Campinas, SP: REDEFOR-LP/UNICAMP, 2012. Disponível em <<https://autoria.ggte.unicamp.br/unicamp>> Acesso em: 20 abr 2015
- BRUZZO, C. **Documentário em sala de aula**. Disponível em: [documentario em sala de aula.pdf](#). www.ige.unicamp.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article Acesso em: 20 abr 2015
- BURKE, Kenneth. *Teoria da forma literária*. São Paulo: Cultrix, 1952.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da Unesp – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 1999.
- BENTES, A.C. **Tema 2 – O trabalho com as variedades do Português. Tópico 2- Trabalhando com as variedades regionais**. Campinas, SP:REDEFOR-LP/UNICAMP,2012.Disponível em <<https://autoria.ggte.unicamp.br/unicamp> Acesso em: 20 out.2012
- CUNHA, Maria Zilda da. *Na tessitura dos signos contemporâneos. Novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2009.
- DINORAH, Maria. *O livro na sala de aula*. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- DOLZ, J. M.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. M. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EVANGELISTA, Aracy Alves. M. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *A roupa infantil da literatura*. Araraquara, SP: 1995. Dissertação apresentada à FCL-UNESP.
- _____. *Figurativização e imaginário cultural*. Araraquara. SP, 2002. Tese apresentada à FCL-UNESP.
- _____. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- _____. *Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

- JOLLES, André. *As formas simples*. (trad. Álvaro Cabral) São Paulo: Cultrix, 1976.
- JOUE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LAJOLO Marisa. *Usos e abusos da Literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.
- LAJOLO, Marisa. e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LIMA, Aldo de (Org.). *O direito à literatura*. Recife: ED. Universitária da UFPE, 2012.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortari. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2000.
- MORAES, Antonieta Dias de. *Reflexos da violência na literatura infanto-juvenil*. SP: Letras e Letras, 1991.
- MOURA, Magali & CAMBEIRO, Delia (Orgs.). *Magias, encantamentos e metamorfoses: fabulações modernas e suas expressões no imaginário contemporâneo*. Rio de Janeiro: De Letras, 2013.
- OYAMA, Thais. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, Infância e Leitura*. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- _____. *Literatura Infantil & juvenil: Vivências de Leitura e Expressão Criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2007.
- ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Crise na linguagem*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

- RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. H. R. (Org.) **A Prática de linguagem em sala de aula**: Praticando os PCNs. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. p. 207-220.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1984.
- RÖSING, Tânia M. K. e BURLAMAQUE, Fabiane. (Org.) *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: Editora da Universidade Federal de Passo Fundo, 2010.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.
- SANT'ANNA, Afonso R. *Paródia, paráfrase e Cia*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- SILVA, Vitor Manuel Aguiar. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010.
- SIMÕES, Marco Antonio. *História da leitura: do papiro ao papel digital*. São Paulo: Terceira Margem, 2011.
- TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- STALLONI, Yves. Os gêneros literários. Rio de Janeiro:DIFEL, 2007
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- _____. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006
- VERSIANI, Daniela; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões de boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.
- WADA, Marcia Miyoko. *Juventude e leitura*. São Paulo:Annablume; A cor da Letra, 2004.
- ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *A leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. (org.). *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.
- ZOPPI-SANTANA, M. **Tema 1 - Texto/Discurso e Tema 2: Função-Autor e Efeito-Leitor**.Campinas,SP:REDEFOR-LP/UNICAMP,2012.Disponível em <<https://autoria.ggte.unicamp.br/unicamp> Acesso em: 30 jun.2015

ANEXOS

a. A Ficha de análise do perfil leitor do aluno

1- Endereço:

2- Você reside com:

() Pai () Mãe () Avós () Padrasto () Madrasta
() Irmãos () Outros

3- Existem livros em sua casa?

() sim () não

4- Existem jornais e revistas em sua casa ?

() sim () não

5- Você gosta de ler?

() sim () não

Em caso afirmativo, quais as suas preferências em relação à leitura?

6- Seus pais são alfabetizados?

() sim () não

7- Você iniciou seus estudos com que idade?

8- Nos anos anteriores, você frequentou a sala de leitura de sua escola? Em caso afirmativo, o que achava das aulas?

9- Produza um pequeno texto em que você narre suas memórias de leitura:

b. Slides – Introdução aos estudos sobre crônica

O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha. Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocaria o pneu.

- Você tem macaco? - perguntou o homem.
- Não - respondeu a moça.
- Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe?
- Não - disse a moça.
- Vamos usar o meu - disse o homem.

E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.

Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar. Dali a pouco chegou o dono do carro.

- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.
- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.
- Coisa estranha.
- É uma compulsão. Sei lá.

(Luís Fernando Veríssimo. Livro: *Pai não entende nada*. L&PM, 1991).

CARACTERÍSTICAS

Lembremos que *chronos* é relativo a tempo, é podemos perceber claramente a vinculação entre *chronos* e **crônica**.

A **crônica**, breve registro de um determinado momento, está dentro da categoria de **textos narrativos**, pois relata algum fato ou situação usando o tempo cronológico e a descrição dos acontecimentos.

- texto ligado à vida cotidiana;
- narrativa informal, familiar, intimista;
- uso da oralidade na escrita: linguagem coloquial;
- sensibilidade no contato com a realidade;
- síntese; (a crônica se passa em um curto período de tempo, por isso os fatos não podem ter grandes desdobramentos).
- uso de fato cotidiano, corriqueiro, como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade;

- uma certa dose de lirismo;
- leveza;
- diz coisas sérias através de uma aparente conversa fiada;
- uso do humor;
- brevidade; geralmente é um texto curto.
- por ser baseada em um fato contemporâneo (da época em que o autor escreve: está sujeita a uma rápida desatualização e à fugacidade do tempo.

c. Crônicas selecionadas e lidas em sala de aula

Pechada - Luís Fernando Veríssimo

Ilustração: Santiago

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de "Gaúcho". Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

— Aí, Gaúcho!

— Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

— Mas o Gaúcho fala "tu"! — disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.

— E fala certo — disse a professora. — Pode-se dizer "tu" e pode-se dizer "você". Os dois estão certos. Os dois são português.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

— O pai atravessou a sinaleira e pechou.

— O que?

— O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.

— O que foi que ele disse, tia? — quis saber o gordo Jorge.

— Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.

— E o que é isso?

— Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

— Nós vinha...

— Nós vínhamos.

— Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com

o gordo Jorge rindo daquele jeito.

"Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

— Aí, Pechada!

— Fala, Pechada!

O homem trocado Luís Fernando Veríssimo

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito - diz a enfermeira, sorrindo.
- Eu estava com medo desta operação...
- Por quê? Não havia risco nenhum.
- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.
- Seu nome não é Lírio?
- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não

fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

- Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?

- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro.

Não foram felizes.

- Por quê?

- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

- Apendicite? - perguntou, hesitante.

- É. A operação era para tirar o apêndice.

- Não era para trocar de sexo?

Tecnologia- Luís Fernando Veríssimo

Para começar, ele nos olha na cara. Não é como a máquina de escrever, que a gente olha de cima, com superioridade. Com ele é olho no olho ou tela no olho. Ele nos desafia. Parece estar dizendo: vamos lá, seu desprezível pré-eletrônico, mostre o que você sabe fazer. A máquina de escrever faz tudo que você manda, mesmo que seja a tapa. Com o computador é diferente. Você faz tudo que ele manda. Ou precisa fazer tudo ao modo dele, senão ele não aceita. Simplesmente ignora você. Mas se apenas ignorasse ainda seria suportável. Ele responde. Repreende. Corrige. Uma tela vazia, muda, nenhuma reação aos nossos comandos digitais, tudo bem. Quer dizer, você se sente como aquele cara que cantou a secretária eletrônica. É um vexame privado. Mas quando você o manda fazer alguma coisa, mas manda errado, ele diz “Errado”. Não diz “Burro”, mas está implícito. É pior, muito pior. Às vezes, quando a gente erra, ele faz “bip”. Assim, para todo mundo ouvir. Comecei a usar o computador na redação do jornal e volta e meia errava. E lá vinha ele: “Bip!” “Olha aqui, pessoal: ele errou.” “O burro errou!”

Outra coisa: ele é mais inteligente que você. Sabe muito mais coisa e não tem nenhum pudor em dizer que sabe. Esse negócio de que qualquer máquina só é tão inteligente quanto quem a usa não vale com ele. Está subentendido, nas suas relações com o computador, que você jamais aproveitará metade das coisas que ele tem para oferecer. Que ele só desenvolverá todo o seu potencial quando outro igual a ele o estiver programando. A máquina de escrever podia ter recursos que você nunca usaria, mas não tinha a mesma empáfia, o mesmo ar de quem só aguentava os humanos por falta de coisa melhor, no momento. E a máquina, mesmo nos seus instantes de maior impaciência conosco, jamais faria “bip” em público.

Dito isto, é preciso dizer também que quem provou pela primeira vez suas letrinhas dificilmente voltará à máquina de escrever sem a sensação de que está desembarcando de uma Mercedes e voltando à carroça. Está certo,

jamais teremos com ele a mesma confortável cumplicidade que tínhamos com a velha máquina. É outro tipo de relacionamento, mais formal e exigente. Mas é fascinante. Agora compreendo o entusiasmo de gente como Millôr Fernandes e Fernando Sabino, que dividem a sua vida profissional em antes dele e depois dele. Sinto falta do papel e da fiel Bic, sempre pronta a inserir entre uma linha e outra a palavra que faltou na hora, e que nele foi substituída por um botão, que, além de mais rápido, jamais nos sujará os dedos, mas acho que estou sucumbindo. Sei que nunca seremos íntimos, mesmo porque ele não ia querer se rebaixar a ser meu amigo, mas retiro tudo o que pensei sobre ele. Claro que você pode concluir que eu só estou querendo agradá-lo, precavidamente, mas juro que é sincero.

Quando saí da redação do jornal depois de usar o computador pela primeira vez, cheguei em casa e bati na minha máquina. Sabendo que ela aguentaria sem reclamar, como sempre, a pobrezinha.

A metamorfose - Luís Fernando Veríssimo

Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e viu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Não tinha mais antenas. Quis emitir um som de surpresa e sem querer deu um grunhido. As outras baratas fugiram aterrorizadas para trás do móvel. Ela quis segui-las, mas não coube atrás do móvel. O seu segundo pensamento foi: "Que horror... Preciso acabar com essas baratas..."

Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia seu instinto. Agora precisava raciocinar. Fez uma espécie de manto com a cortina da sala para cobrir sua nudez. Saiu pela casa e encontrou um armário num quarto, e nele, roupa de baixo e um vestido. Olhou-se no espelho e achou-se bonita. Para uma ex-barata. Maquiou-se. Todas as baratas são iguais, mas as mulheres precisam realçar sua personalidade. Adotou um nome: Vandirene. Mais tarde descobriu que só um nome não bastava. A que classe pertencia?... Tinha educação?.... Referências?... Conseguiu a muito custo um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe dava acesso a sujeiras mal suspeitadas. Era uma boa faxineira.

Difícil era ser gente... Precisava comprar comida e o dinheiro não chegava. As baratas se acasalam num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Conhecem-se, namoram, brigam, fazem as pazes, resolvem se casar, hesitam. Será que o dinheiro vai dar? Conseguir casa, móveis, eletrodomésticos, roupa de cama, mesa e banho. Vandirene casou-se, teve filhos. Lutou muito, coitada. Filas no Instituto Nacional de Previdência Social. Pouco leite. O marido desempregado... Finalmente acertou na loteria. Quase

quatro milhões ! Entre as baratas ter ou não ter quatro milhões não faz diferença. Mas Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa. Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o pronome. Subiu de classe. Contratou babás e entrou na Pontifícia Universidade Católica.

Vandirene acordou um dia e viu que tinha se transformado em barata. Seu penúltimo pensamento humano foi: "Meu Deus!... A casa foi dedetizada há dois dias!...". Seu último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira e que o safado do marido, seu herdeiro legal, o usaria. Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um móvel. Não pensava mais em nada. Era puro instinto. Morreu cinco minutos depois, mas foram os cinco minutos mais felizes de sua vida.

Kafka não significa nada para as baratas...

Pânico - Luís Fernando Veríssimo

O pai do aniversariante foi abrir a porta. Era outro pai. - Vim buscar o Edmundo. - Ah, o Edmundo. - Acho que a turma chama ele de Bocó. - O Bocó. Certo. Não quer entrar? - Obrigado. Espero aqui. O pai do aniversariante entrou na sala e anunciou: - Vieram buscar o Bocó! Só conseguiu ser ouvido na terceira vez, porque a algazarra era grande. - Bocó! Seu pai está aí. Ninguém se apresentou. - Edmundo? Tem algum Edmundo? Ninguém. O aniversariante não sabia do Bocó. Nem se lembrava de tê-lo visto na festa. Pensando bem, não conhecia nenhum Bocó. - Como não conhece? Ele está aqui. O pai dele veio buscar. O pai e a mãe do aniversariante saíram pelo apartamento atrás do Bocó. Bateram na porta do banheiro, ocupado por oito meninas ao mesmo tempo. O Bocó não estava entre elas. Procuraram pelos quartos. No quarto do aniversariante tinha se instalado uma dissidência literária. Um grupo espalhado pelo chão lia as revistas do aniversariante. Nenhum deles era Bocó. Mas um se chamava Edmundo. - Tem certeza que

seu apelido não é Bocó? - Não. É Palito. O pai e a mãe do aniversariante se entreolharam. E agora? Não podiam simplesmente dizer ao pai do Bocó que seu filho desaparecera. Decidiram reunir todos os convidados na sala. As meninas foram corridas do banheiro, os quartos foram esvaziados, todos para a sala. - Quem é que se chama Edmundo? Você não, Palito. Ninguém, além do Palito, se chamava Edmundo. E Bocó? Tinha algum Bocó no grupo? Nenhum. Alguém sabia que fim levava o Bocó? Loreta, uma gordinha de cor-de-rosa, levantou a mão. - Acho que o pai dele já veio buscar. - Ai, meu Deus – disse a mãe do aniversariante, baixinho. - Você viu o Bocó sair com alguém? - Acho que vi. Com um homem. - Como era o homem? - Tinha uma barba preta. - Ai, meu Deus – repetiu a mãe do aniversariante. Precisavam dizer alguma coisa para o pai do Bocó. Mas o quê? Oferecer outra criança no lugar do Bocó? O Palito? “Ele é um pouco magro, mas olhe: damos esta gordinha de brinde.” A responsabilidade era deles. Precisavam evitar o escândalo. Precisavam, antes de mais nada, ganhar tempo. Foram até a porta. - O senhor tem certeza que não quer entrar? - Obrigado. - Não nos leve a mal, mas o senhor pode provar que é o pai do Bocó? - Provar? Como, provar? - Hoje em dia, todo cuidado é pouco. - Mas isto é um absurdo! Eu não tenho nenhum documento que diga “Pai do Bocó”. - Uma foto? - Tenho! O pai do Bocó produziu uma foto. Ele, a mulher, o Bocó e outra criança, de colo. O pai do aniversariante pegou a foto, disse “Um momentinho” e levou a foto para a sala. A Loreta examinou a foto. Confirmou que fora aquele Bocó que vira sendo levado pelo homem de barba preta. “Ai, meu Deus!”, disse a mãe do aniversariante. O pai do aniversariante levou a foto de volta ao pai do Bocó. - Ele não o reconheceu. - O quê? O pai do Bocó tentou entrar no apartamento, mas foi contido pelo pai do aniversariante. - Epa! Epa! Aqui o senhor não entra. Aliás, nem sei como entrou no prédio. - Eu disse ao porteiro que vinha buscar uma criança na festa do 410. - Vou falar com esse porteiro. Que segurança é essa? Deixam entrar qualquer um. Homem de barba preta... - Homem de barba preta? – perguntou o pai do Bocó. - 410? – perguntou o pai do aniversariante, dando-se conta. - Que homem de barba preta? - Este não é o 410. É o 510. - Que homem de barba pre... Este é o 510? - Você bateu no

apartamento errado. - Aqui não é a festa de aniversário do Piolho? - Não. É a festa de aniversário do Felipe. Foi por isso que seu filho não o reconheceu! - Está explicado! Os dois apertaram-se as mãos e o pai do Bocó foi buscar o filho no apartamento de baixo, aliviado. A história só não acabou bem para a Loreta, que levou tanto safanão que chegou em casa sem o tope do vestido. VERÍSSIMO, Luís Fernando. FESTA DE CRIANÇA. São Paulo, Editora Ática – 2003

O que faz bem pra saúde? - Luis Fernando Veríssimo

Cada semana, uma novidade.

A última foi que pizza previne câncer do esôfago.

Acho a maior graça.

Tomate previne isso, cebola previne aquilo, chocolate faz bem, chocolate faz mal, um cálice diário de vinho não tem problema, qualquer gole de álcool é nocivo, tome água em abundância, mas peraí, não exagere...

Diante desta profusão de descobertas, acho mais seguro não mudar de hábitos.

Sei direitinho o que faz bem e o que faz mal pra minha saúde.

Prazer faz muito bem.

Dormir me deixa 0 km.

Ler um bom livro faz eu me sentir novo em folha.

Viajar me deixa tenso antes de embarcar, mas depois eu rejuvenesço uns cinco anos.

Viagens aéreas não me incham as pernas, me incham o cérebro, volto cheio de ideias.

Brigar me provoca arritmia cardíaca.

Ver pessoas tendo acessos de estupidez me embrulha o estômago.

Testemunhar gente jogando lata de cerveja pela janela do carro me faz perder toda a fé no ser humano.

E telejornais os médicos deveriam proibir - como doem!

Essa história de que sexo faz bem pra pele acho que é conversa, mas mal tenho certeza de que não faz, então, pode-se abusar.

Caminhar faz bem, dançar faz bem, ficar em silêncio quando uma discussão está pegando fogo faz muito bem: você exercita o autocontrole e ainda acorda no outro dia sem se sentir arrependido de nada.

Acordar de manhã arrependido do que disse ou do que fez ontem à noite é prejudicial à saúde.

E passar o resto do dia sem coragem para pedir desculpas, pior ainda.

Não pedir perdão pelas nossas mancadas dá câncer, não há tomate ou muzzarela que previna.

Ir ao cinema, conseguir um lugar central nas fileiras do fundo, não ter ninguém atrapalhando sua visão, nenhum celular tocando e o filme ser espetacular, UAU!

Cinema é melhor pra saúde do que pipoca.

Beijar é melhor do que fumar.

Exercício é melhor do que cirurgia.

Humor é melhor do que rancor.

Amigos são melhores do que gente influente.

Pergunta é melhor do que dúvida.

Tomo pouca água, bebo mais que um cálice de vinho por dia, faz dois meses que não piso na academia, mas tenho dormido bem, trabalhado bastante, encontrado meus amigos, ido ao cinema e confiado que tudo isso pode me levar a uma idade avançada.

Sonhar é melhor do que nada.

d. Fotos dos alunos na realização da pesquisa na Sala do Acesso Escola

e. Sequência didática realizada em oficina pedagógica na Diretoria de Ensino de Capivari / SEE-SP

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Série: 6ª série / 7º ano

Duração: 6 a 8 aulas

História triste de tuim

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, em **chorinho** fazendo tuim, tuim, tuim...

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele **quartinho** que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três **filhotes**, não de João-de-barro, mas de tuim.

Você conhece, não? De todos esses **periquitinhos** que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem algumas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou **comidinhas** para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Geralmente se cria em casa é um casal de tuim, especialmente para se apreciar o **namorinho** deles. Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo **sementinhas** de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredado: tuim, tuim, tuim! Às vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha **certinho** pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: “menino você está criando muito amor a esse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Esse **bichinho** se acostuma assim, toda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuins, adeus. Ou você prende o tuim ou ele vai-se embora com os outros; mesmo ele estando preso e ouvindo o bando passar, você está arriscando a ele morrer de tristeza”.

E o menino vivia de ouvido no ar, com medo de ouvir bando de tuim.

Foi de manha, ele estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, dividido em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio deles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o **dedinho** esticado para o tuim voltar; nada.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: “venha cá”. E disse: “o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais”.

O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que ele também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para cidade com o tuim, o menino toda hora dando **comidinha** a ele na viagem. O pai avisou: “aqui na cidade ele não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado”.

Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com ele no dedo, ele voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

Soltar um **pouquinho** no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto; se

ele quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: “que é tuim?” perguntavam pessoas ignorantes. “Tuim?” Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para escola, foi para outra rua, para outra.

Teve a ideia, foi ao armazém de “Seu” Perrota: “tem gaiola para vender?” Disseram que tinha. “Venderam alguma gaiola hoje?”

Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Fui lá, chorando, disse ao dono da casa: “se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?”

O homem acabou confessando que tinha aparecido um **periquitinho** verde sim, de rabo curto, não sabia que se chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o **bichinho**. “Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim.” Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso: cortou as **asinhas**; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida ao seu tuim, viu só algumas penas verdes e manchas de sangue no cimento. Subiu num **caixote** para olhar acima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a história do tuim.

Rubem Braga

1. Ativação do conhecimento de mundo

O que o título sugere? É possível associar **tuim** a algum som conhecido? Qual o significado da palavra **tuim**?

Antecipação dos conteúdos:

Onde vivem os tuins? Do que se alimentam? Qual é o tamanho da ave?

1.1. Checagem de hipóteses:

Assistir ao vídeo: www.youtube.com/watch?v=n5xZkYdnmxU

2. Localização das informações

Grifar o terceiro e quarto parágrafos que contêm informações já trabalhadas na antecipação dos conteúdos.

3. Produção de Inferências locais e globais

Locais

- ✓ Nova ortografia: uso do hífen
- ✓ Uso de pronomes para evitar repetição

Globais

- ✓ Uso intencional dos diminutivos
- ✓ Ditado popular implícito: “Homem não chora.”
- ✓ Julgamento do menino: egoísta ou não?

4- Recuperação do Contexto de Produção

- ✓ Pedir aos alunos para efetuarem uma pesquisa acerca da importância dos animais de estimação e quais as consequências do grande número de

- animais abandonados nas ruas da cidade, notavelmente cachorros e gatos.
- ✓ Apresentar o texto **Nossa família animal (VEJA, Revista/22 de jul.2009)**
Disponível em veja.abril.com.br. acesso em 14.mai.2013
 - ✓ Caderno do aluno- Volume II Leitura: **Cães e gatos superam o número de filhos**

NOSSA FAMÍLIA ANIMAL

Iniciada entre 25.000 e 50.000 anos atrás, a relação entre homens e bichos domesticados teve, a princípio, fins essencialmente utilitários. Cães vigiavam aldeias, ajudavam as caçar e pastorear. Gatos eram bem-vindos por exterminar ratos e outras pragas. Provavelmente a afeição, desde cedo, teve um papel nesse relacionamento. O primeiro indício concreto de um elo de emoção entre um humano e um animal data de 12 000 anos: são restos fossilizados de uma mulher abraçada a um filhote de cão, encontrados no Oriente Médio. O certo é que o afeto remodelou, ao longo dos séculos, os laços que nos ligam a cães e gatos. E continua a remodelá-los.

É o que demonstram pesquisas de comportamento ao apontar que, mais até do que amigos, bichos de estimação são hoje vistos como filhos ou irmãos em boa parte dos lares que os acolhem. Na Europa e nos Estados Unidos, o percentual de donos que consideram seus bichos como familiares já chega a 30%. No Brasil, de acordo com pesquisas da multinacional francesa Evialis, uma das maiores fabricantes de alimentos para animais de estimação no mundo, esse índice é de 10% - mas aponta para cima.

Como todas as relações ancoradas na emoção, essa não é imune a crises. Os donos muitas vezes não sabem impor os devidos limites ao comportamento de seus companheiros de quatro patas - e o drama ganha cores semelhantes ao dos pais que enfrentam adolescentes revoltosos. Em meio à crescente indústria de produtos e serviços para bichos, emergiu até mesmo uma nova categoria profissional - a dos psicólogos de animais, adestradores especializados em lidar com cães e gatos neuróticos. Não, a neurose não é uma exclusividade humana. "Pessoas que aboliram a simplicidade de suas vidas procuram, por meio de seus cães, reencontrá-la", diz o mais famoso desses adestradores, o mexicano Cesar Millan. "Elas precisam, no entanto, se educar para tanto."

Pesquisa - O Brasil tem 32 milhões de cães e 16 milhões de gatos, de acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação, a Anfal Pet. Acredita-se que seja a segunda maior população desses bichos no planeta, inferior apenas à existente nos Estados Unidos. Em 2008, esses animais devoraram 1,8 milhão de toneladas de ração: 1,6 milhão de comida para cães e 200 000 toneladas de ração felina. Seus donos gastam, em média, 390 reais por ano com remédios, vacinas, acessórios e o inevitável "banho e tosa".

Ainda segundo a Anfal Pet, existem cerca de 40 000 pet shops espalhados pelo país. Em proporção à população de cães e gatos, esse número é um assombro. Significa que há um desses estabelecimentos para cada 1.200 bichos - contra uma farmácia para cada 2.600 pessoas no Brasil. Os donos mais afetivos, que tratam seus bichos como filhos peludos, são cada vez mais numerosos, no Brasil e no mundo. Em Nova York ou Paris, é comum ver senhoras empurrando seus cães em carrinhos, como bebês. Há carrinhos desenhados para esse fim específico. Nos Estados Unidos, ainda, acaba de entrar em atividade a Pet Airways, companhia de viagens aéreas para bichos. No Brasil, o mercado de produtos e serviços de luxo para animais de estimação está em expansão. Nesta semana, uma variedade impressionante de artigos do gênero, de jóias a roupinhas de grife, será exibida numa feira internacional em São Paulo, a Pet South America.

A Radar Pet - uma pesquisa recém-concluída com 1 307 pessoas de oito metrópoles, idealizada por uma entidade do setor, a Comissão Animais de Companhia (Comac) - fornece uma visão da intimidade dos brasileiros com seus cães e gatos. Eles estão presentes em 44% dos lares das classes A, B e C - e em lugares como Porto Alegre, Curitiba e Campinas já figuram em mais de metade das casas. O novo status que cães e gatos estão assumindo nos lares tem pelo menos duas razões sociais distintas. A primeira diz respeito ao encolhimento das famílias. Hoje são raros os casais que optam por ter mais de um ou dois filhos - o terceiro, que costuma desembarcar em casa quando esses já estão mais crescidos, é quase sempre um cão ou gato. Como demonstra o Radar Pet, as famílias em que os filhos adolescentes ou adultos ainda moram com os pais são aquelas em que a presença dos bichos é mais forte.

O segundo fator é o crescimento do contingente de pessoas que vivem sozinhas nas grandes cidades e buscam um companheiro animal. A jogadora de vôlei Virna divide a cama com sua yorkshire, Baby. "Ela é minha melhor amiga. Só falta falar", diz. Cães e gatos têm chances menores de obter abrigo nos lares formados por casais com filhos pequenos. "Nessa fase, as crianças monopolizam as atenções. Não sobra tempo para os animais", diz o executivo Luiz Luccas, presidente da Comac.

Humanização - As mesmas contingências da vida contemporânea que levam as pessoas a buscar uma proximidade maior com os animais também agravam os problemas da convivência. "A rotina maluca faz com que muitos donos não consigam lhes dedicar o devido tempo e atenção", diz o especialista em comportamento animal César Ades. Em casos extremos, os cães se tornam agressivos ou depressivos. Os mais angustiados pela ausência do dono partem até para a automutilação.

A preocupação exacerbada com a saúde é outro desdobramento da humanização dos bichos, que contam hoje com recursos médicos avançados, como exames de ressonância magnética e tomografia computadorizada. Plásticas com fins unicamente estéticos são proibidas pelos conselhos de veterinária, mas algumas clínicas oferecem intervenções para melhorar a aparência de um bicho afetado por um acidente ou derrame. "O tratamento de uma doença crônica custa por volta de

8.000 reais", informa Mario Marcondes, diretor do Hospital Veterinário Sena Madureira, o maior de São Paulo.

O domador Cesar Millan acusa a perda da "simplicidade instintiva" que regia a relação entre homem e cão nos primórdios da domesticação. Os especialistas têm por certo que os lobos dos quais os cachorros atuais descendem rodeavam os acampamentos humanos atraídos pelos restos de alimentos - mas daí à sua domesticação há um salto que ainda não se explicou satisfatoriamente. "Os cães demonstraram grande capacidade de assimilar nosso estilo de vida. Isso talvez explique por que a evolução nos fez tão amigos deles, e não de outros primatas, o que à primeira vista talvez parecesse mais lógico", diz Barbara Smuts, da Universidade Harvard. Os gatos também se adaptaram à vida na companhia das pessoas, mas nunca abriram mão da independência e do instinto de caçadores.

Relacionamento - A principal forma de comunicação entre o homem e os cães é a linguagem corporal - cães são exímios leitores de gestos e expressões faciais. Nem por isso são surdos à linguagem verbal. Inventor de um famoso ranking de inteligência das raças caninas, o pesquisador canadense Stanley Coren averiguou que os lulus mais espertos são capazes de agir em resposta a até 165 palavras simples – mesmo número de vocábulos dominado por uma criança de 2 anos. Um experimento brasileiro é uma demonstração impressionante da capacidade dos cães de associar palavras e símbolos a determinados objetos e ações.

Conduzido por César Ades e pelo zootecnista e adestrador Alexandre Rossi, o estudo tem como estrela Sofia, uma vira-lata que aprendeu a acionar um teclado com mais de cinquenta opções de imagens para expressar seus desejos, como comer ração ou dar um passeio. De outro lado, os cães, mesmo investidos da condição privilegiada de integrantes da família, ainda são mal compreendidos pelos humanos. O balanço de rabo, universalmente entendido como sinal de alegria, não significa exatamente isso. A tradução sugerida pelo pesquisador Stanley Coren é a seguinte: "Aceito ser submisso a você, mas espero ganhar algo em troca".

Cães são programados para seguir um líder de matilha - e para, ao menor sinal de fraqueza do líder, se impor. Esse traço da personalidade canina é a matéria-prima dos programas televisivos de adestramento. Com seu impressionante domínio da linguagem corporal dos animais, Cesar Millan doma até os mais renhidos pitbulls. Esse tipo de enfrentamento direto, contudo, já suscitou críticas - inclusive de entidades de defesa dos animais. Alguns profissionais dizem que os métodos de Millan são antiquados ao enfatizar a punição do cão indisciplinado. A tendência preponderante hoje é o chamado adestramento positivo, em que se obtém a obediência por meio de recompensas, como comida. Seja ela reforçada por meios punitivos ou positivos, a disciplina dos bichos tornou-se uma questão urgente dentro dos lares.

Tanto quanto as crianças, eles precisam de limites. Os direitos humanos dos animais devem ter sua contrapartida. Não é possível ter a mesma atitude do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, um dos luminares do século XVIII. Ele, que abandonou cinco filhos, nutria adoração genuína por seu cachorro, Sultan. Para

Rousseau, as almas despóticas não toleravam gatos porque o gato é livre e não aceita ser escravo. Quanto a Sultan, ele escreveu: "Meu cachorro era meu amigo, não meu escravo: sempre tínhamos a mesma vontade, mas não porque ele me obedecesse". Criador do mito do bom selvagem, Rousseau era mesmo um romântico.

Caderno do aluno_6ª série/7º ano – Volume 2

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3

NOTÍCIAS DE JORNAL DE CONTEXTO COMUNICATIVO

Cães e gatos superam o número de filhos

Custo para criar uma criança faz com que famílias optem por animais

(1) July, Princesa, Bingo, Laica, Negão, Nana e Lua são os “filhos mais novos” da motorista

de transporte escolar Roseli de Souza Almeida, 47. Como muitas mães paulistanas, Roseli parou de ter filhos na década de 90 e, desde então, não para de criar cachorros. “Depois que a gente tem filho, vê como é bom ter cachorro”, conta. A mais nova, Lua, tem apenas um ano e meio.

(2) Seus dois filhos, Nathália, 17, e Rafael, 20, gostam das companhias e ajudam a mãe a cuidar dos sete animais. “Eles sempre estão do seu lado. Se você fica triste, eles percebem e ficam perto; se você chega tarde, eles o recebem abanando o rabo”, afirma Roseli.

(3) Ela conta que não teve mais filhos por conta das altas despesas e da dificuldade que há em educar uma criança. Questionada se tem vontade de criar mais cachorros, Roseli diz que sim, caso tivesse mais espaço em casa. Já filhos, “iria pensar muito”, responde.

(4) São muitas as famílias que possuem mais cães que filhos em São Paulo. Em alguns bairros, a impressão é de que o número de cachorros e gatos já ultrapassa o de crianças.

Esse, no entanto, é um cálculo difícil de fazer porque nem todos os animais domésticos possuem o Registro Geral do Animal (RG A), feito pelo Centro de Controle de Zoonoses da Prefeitura. Segundo Elizabete Aparecida da Silva, veterinária do Centro de Controle de Zoonoses, o número de RG As é de 329 mil.

(5) Ela afirma, no entanto, que a estimativa é de que haja um cão para cada sete habitantes, e um gato para cada 46 habitantes em São Paulo. Se essa estimativa estiver correta, trata-se de uma população de 1,5 milhão de cães e de 297 mil gatos em 2004.

(6) Na casa da artista visual Andrea Costakazawa, 34, ela, seu marido e a

sua única filha, de 10 anos, dividem o espaço com dois cachorros e três gatos. Já a jornalista Mari Maellaro, 37, tem dois filhos e quatro cachorros e pretende aumentar a família canina. “Cachorro é mais fácil de cuidar do que de filho. Não se tem que pagar escola nem roupa, nem vai para balada e volta tarde.”

(Cães e gatos superam o número de filhos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 set. 2005. p. C7.)

5. Intertextualidade e Interdiscursividade

- ✓ A crônica Menino da cidade
- ✓ Diálogo entre pai e filho, presente nas duas crônicas
- ✓ Pardalzinho

Menino de cidade

Paulo Mendes Campos

Papai, você deixa eu ter um cabrito no meu sítio?

Deixo.

E porquinho-da-índia? E ariranha? E macaco? E quatro cachorros? E duzentas pombas? E um boi? Um rinoceronte?

Rinoceronte não pode.

Tá bem, mas cavalo pode, não pode?

O sítio é apenas um terreno do estado do Rio, sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio, como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda, e ele, que nasceu no Rio e, de má vontade, vive nessa cidade sem animais.

Aliás, ele mesmo desmente que o Rio seja uma cidade sem bichos, possuindo o dom de descobri-los nos lugares mais inesperados. Se entra na casa de alguém, desaparece ao transpor a porta, para voltar depois de três segundos com um gato ou cachorro na mão. A gente vai andando por uma rua em Copacabana, ele some e ressurge com um pinto em flor. É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.

Localiza eletronicamente todos os animais da redondeza, anda pela rua em disparada, cumprimenta aqui um papagaio, ali um ganso, mais adiante um gato, incansável e frustrado.

Não distingue marcas de automóvel, em futebol não vai além de Garrincha e Nilton Santos, mas sabe perfeitamente o que é um *mastiff*, um *boxer*, um *doberman*. Dá

informações sobre as pessoas de acordo com os bichos que possuam: aquele é o dono do Malhado, aquela é a dona do Lord... Ao telefone, pergunta por patos, gatos, e outros cachorros, centenas, milhares de cachorros, cachorros que prefere aos companheiros, cachorros que o absorvem na rua, na escola, na hora das refeições, cachorros que costumam latir e pular em seus sonhos, cachorros mil.

Sua literatura é rigorosamente especializada: livros coloridos sobre bichos. Engatinha mal e mal na leitura, mas fala com uma proficiência um pouco alarmante a respeito de répteis, batráquios etc. Filho de mãe inglesa, confunde *fork* e *knife*, mas sabe o que é *seal* e *walrus*. Se pede um pedaço de papel é para desenhar a zebra ou a baleia.

É claro que sua frustração causa pena. Por isso mesmo, há algum tempo, ganhou como consolo um canarinho-da-terra. Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.

Deram-lhe um bicudo, mas o bicudo morreu de tanto alpiste. Ganhou, mais tarde, uma tartaruga, pequenina e estúpida, que recebeu na pia do banheiro o nome de Henriqueta. Nunca qualquer outro quelônio deu tanto serviço. Foi ao dentista na cidade, e, ao voltar, disse ao pai, pela primeira vez, uma palavra horrível: *estou desesperado*. Tinha perdido a tartaruguinha no lotação.

Ficou o vazio em sua vida. O alívio era ligar o telefone interurbano para a avó e indagar pelos patos que “possuía” em outra cidade. Ou fazer uma visita à futura mãe de Poppy, este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido de pedra e cal para ele.

Outro expediente: caçar borboletas, mariposas, grilos, alojar carinhosamente os insetos nas gaiolas vazias, chamar-lhes pelos nomes dos antigos bichos mortos ou desaparecidos.

Um tio deu-lhe outra vez um canário, o carinho foi demais, o passarinho morreu. Não há nada a fazer, por enquanto, e ele dedicou-se à arte de desenhar bichos. De vez em quando, ainda se anima e entra em casa afogueado, mostrando alguma coisa invisível nas mãos: “Olha que estouro de grilo!”

Mas os grilos e as borboletas *legais* morrem ou saem tranquilamente das gaiolas, e ei-lo novamente de mãos e alma vazias.

Deu um jeito: arranjou alguns pires sem uso e plantou sementes de feijão. O banheiro está cheio de brotos verdes, tímidos. E ele já sabe que possui uma fazenda.

PARDALZINHO

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-lhe a asa.
 Sacha lhe deu uma casa,
 Água, comida e carinhos.
 Foram cuidados em vão:
 A casa era uma prisão,
 O pardalzinho morreu.
 O corpo Sacha enterrou
 No jardim; a alma, essa voou
 Para o céu dos passarinhos!

MANUEL BANDEIRA

In Lira dos cinquent'anos, 1940

6- Elaboração de apreciações estéticas / valores éticos

- ✓ Escolha do autor pelo discurso direto marcado pelas aspas
- ✓ Tema bastante pertinente à idade
- ✓ Cuidado com os animais de estimação
- ✓ A importância da liberdade
- ✓ Vídeo: terradegigantes65.blogspot.com/.../saltimbancos-musicas-contam-saga-de...

7- Proposta de Produção

Com base no tema lido e discutido, produza um texto em que seja retratada a ideia " *Amar não tem limite*", narrando a história de um personagem com seu animal de estimação.

Sugestão de filme: Água para elefantes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.youtube.com/watch?v=y4jZKwDyljM>

poesiacontraaguerra.blogspot.com/2007/05/menino-de-cidade.htm

www.casadobruzo.com.br/poesia/m/pardal.htm

www.centenariorubembraga.com.br/obra/cronicas/historia-triste-de-tuim

www.youtube.com/watch?v=n5xZkYdnmxU

f. Fotos dos alunos do 7º ano A na sala de leitura

g. Vídeo documentário produzido pelos alunos do 7º ano A

“ O que faz bem para a saúde?”

https://www.youtube.com/watch?v=_wxenOwTZa4&feature=youtu.be

h. Exemplos de crônicas Produzidas pelos alunos do 7º ano A (sem correção)

Título: A amore florida.

Eu estava indo para o ponto de ônibus, quando percebi que havia uma linda amore de flores malandras, achei muito bonito, mais depois me dei conta que eu já estava acostumada a fazer aquele trajeto.

A amore ficou lá e então o ônibus passou e eu subi.

Quando eu cheguei na escola, fiquei refletindo sobre a linda imagem, mas também pensei em como nós de hoje em dia fazemos nosso trajeto como uma ação mecânica, sem perceber que perdemos muita coisa no meio do caminho, como trânsito, um animal na estrada, imagens inesquecíveis, cuja a nossa memória a guardamos para sempre.

Quando retive da escola, uma grande tristeza tomou meu coração, a linda imagem de uma amore cheia de flores, ficou somente um terreno queimado e cheio de lixo.

Foto A

"Coisas do dia a dia"

Como sempre, hoje às 12h em ponto, saí de casa para ir até a escola. Isto já é uma rotina na minha vida, e uma coisa característica que fazemos todos os dias.

Mas nesta tarde, uma coisa me surpreendeu, no meio do caminho, que nunca reparara, avistei um anel, que para mim nunca existiu e que só hoje avisei lhe visto.

Com isto me pus a refletir e pensar que como que as pessoas não dão atenção nas coisas que fazem diariamente em suas vidas. E também fiquei pensando, como isso pode acontecer facilmente no dia a dia dos humanos, e acabar nos surpreendendo e nos fazer pensar que somos tão distraídos.

Agora tudo se passou, mas espero ter mais atenção nas coisas de rotina que fazem, para não ser vítima dos "imprevistos" do dia a dia.

i.Textos retirados do Caderno do Professor Vol 1. 6º ano**Tomo I****Capítulo II – Primeiros infortúnios**

Passemos por alto sobre os anos que decorreram desde o nascimento e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de 7 anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ojeriza particular à madrinha, a quem não podia encerrar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras começavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos 7 anos.

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns meses atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das rótulas: uma ocasião, recolhendo-se, parecera-lhe que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo colega seu o procurasse em casa, para tratar de negócios do ofício, sempre em horas desencontradas; porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta adentro; alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

[...]

ALMEIDA, Manuel A. de. *Memórias de um sargento de milícias*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1969>. Acesso em: 17 maio 2013.

Texto B

Avestruz

O filho de uma grande amiga pediu, de presente pelos seus dez anos, uma avestruz. Cismou, fazer o quê? Moram em um apartamento em Higienópolis, São Paulo. E ela me mandou um e-mail dizendo que a culpa era minha. Sim, porque foi aqui ao lado de casa, em Floripa, que o menino conheceu as avestruzes. Tem uma plantação, digo, criação deles. Aquilo impressionou o garoto.

Culpado, fui até o local saber se eles vendiam filhotes de avestruzes. E se entregavam em domicílio.

E fiquei a observar a ave. Se é que podemos chamar aquilo de ave. A avestruz foi um erro da natureza, minha amiga. Na hora de criar a avestruz, Deus devia estar muito cansado e cometeu alguns erros. Deve ter criado primeiro o corpo, que se assemelha, em tamanho, a um boi. Sabe quanto pesa uma avestruz? Entre 100 e 160 quilos, fui logo avisando a minha amiga. E a altura pode chegar a quase três metros. 2,7 para ser mais exato.

Mas eu estava falando da sua criação por Deus. Colocou um pescoço que não tem absolutamente nada a ver com o corpo. Não devia mais ter estoque de asas no paraíso, então colocou asas atrofiadas. Talvez até sabiamente para evitar que saíssem voando em bandos por aí assustando as demais aves normais.

Outra coisa que faltou foram dedos para os pés. Colocou apenas dois dedos em cada pé. Sacanagem, Senhor!

Depois olhou para sua obra e não sabia se era uma ave ou um camelo. Tanto é que, logo depois, Adão, dando os nomes a tudo que via pela frente, olhou para aquele ser meio abominável e disse: *Struthio Camelus Australis*. Que é o nome oficial da coisa. Acho que o *struthio* deve ser aquele pescoço fino em forma de salsicha.

Pois um animal daquele tamanho deveria botar ovos proporcionais ao seu corpo. Outro erro. É grande, mas nem tanto. E me explicava o criador que elas vivem até os setenta anos e se reproduzem plenamente até os quarenta, entrando depois na menopausa, não têm, portanto, TPM. Uma avestruz com TPM é perigosíssima!

Podem gerar de dez a trinta crias por ano, expliquei ao garoto, filho da minha amiga. Pois ele ficou mais animado ainda, imaginando aquele bando de avestruzes correndo pela sala do apartamento.

Ele insiste, quer que eu leve uma avestruz para ele de avião, no domingo. Não sabia mais o que fazer.

Foi quando descobri que elas comem o que encontram pela frente, inclusive pedaços de ferro e madeiras. Joguinhos eletrônicos, por exemplo. Máquina digital de fotografia, times inteiros de futebol de botão e, principalmente, chuteiras. E, se descuidar, um *mouse* de vez em quando cai bem.

Parece que convenci o garoto. Me telefonou e disse que troca o avestruz por cinco gaivotas e um urubu.

Pedi para a minha amiga levar o garoto num psicólogo. Afinal, tenho mais o que fazer do que ser gigolô de avestruz.

Fonte: PRATA, Mário. *Avestruz*. Disponível em: <<http://www.marioprataonline.com.br>>. Acesso em: 8 out. 2012.

Texto C

A cigarra e a formiga

A cigarra, tendo cantado por todo o verão, encontrou-se muito desprovida quando o vento frio chegou: não tinha nenhum pedacinho de mosca ou verme.

Ela foi chorar de fome na casa de sua vizinha, a formiga, suplicando que lhe emprestasse algum grão para sobreviver até a próxima estação.

– Eu lhe pagarei, disse a cigarra, antes de agosto, palavra de animal, tudinho e com juro.

A formiga não costuma emprestar, eis o seu menor defeito.

– O que você fazia no verão? – disse ela à cigarra.

– Eu cantava; por favor, não fique irritada.

– Você cantava? Então já sei: agora dance!

LA FONTAINE. Fábula traduzida do original francês e adaptada especialmente para o São Paulo faz escola. Disponível em: <http://www.memodata.com/2004/fr/fables_de_la_fontaine>. Acesso em: 17 maio 2013.

j. Quadro retirado do Caderno do Professor. Vol 1, 6º ano

Crônica analisada	
O texto pode ser considerado uma crônica narrativa? Por quê?	
O texto trata de tema cotidiano? Qual? Como você justifica a atualidade do tema?	
Você considera que o texto apresenta um tom leve? Justifique.	

k.Fotos do JPART - *Vidas Secas*

I. Fotos do JPart – Ali Babá e os quarenta ladrões- Trad. Ferreira Gullar

m. Fotos do JPart – O auto da barca do Inferno – Gil Vicente